

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
INSTITUTO DE HISTÓRIA  
COORDENAÇÃO DOS CURSOS DE HISTÓRIA**

**ANTONIO EDICARLOS MOTA TEIXEIRA**

**POLÍTICAS DA MORTE.  
O GOVERNO FEDERAL E O PODER MUNICIPAL DE UBERLÂNDIA/MG, DIANTE  
DA COVID-19 (2020-2021).**

**Uberlândia, MG**

**2022**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
INSTITUTO DE HISTÓRIA  
COORDENAÇÃO DOS CURSOS DE HISTÓRIA**

**ANTONIO EDICARLOS MOTA TEIXEIRA**

**POLÍTICAS DA MORTE.  
O GOVERNO FEDERAL E O PODER MUNICIPAL DE UBERLÂNDIA/MG, DIANTE  
DA COVID-19 (2020-2021).**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para a obtenção do título de Graduado em História.

Orientadora: Profa. Dra. Mara Regina do Nascimento

**Uberlândia, MG**

**2022**

**ANTONIO EDICARLOS MOTA TEIXEIRA**

**POLÍTICAS DA MORTE.  
O GOVERNO FEDERAL E O PODER MUNICIPAL DE UBERLÂNDIA/MG, DIANTE  
DA COVID-19 (2020-2021).**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel e licenciado em História, sob orientação da Profa. Dra. Mara Regina do Nascimento.

Uberlândia, 16 de agosto de 2022

Banca Examinadora

---

Profa. Dra. Mara Regina do Nascimento (Orientadora)  
Universidade Federal de Uberlândia - UFU

---

Profa. Me. Driele Hororato  
Universidade Federal de Uberlândia – UFU

---

Prof. Dr. Jean Luiz Neves Abreu  
Universidade Federal de Uberlândia – UFU

## RESUMO

O presente trabalho tem como objeto de investigação as políticas públicas, em Uberlândia diante da Covid-19. Busca-se compreender o contexto histórico em que esse evento traumático aconteceu e as reverberações políticas, econômicas e sociais que se desdobraram a partir do mesmo. Investiga-se as tensões entre autoridades e as medidas de enfrentamento à pandemia, e a forma como a sociedade lidou com as restrições impostas para conter a disseminação do vírus. Adotou-se a perspectiva histórica do Tempo Presente, como norte epistemológico, e metodologicamente recorreu-se à História Digital, sendo esta o meio pela qual acessamos as fontes que subsidiam o respectivo trabalho. O percurso da pesquisa evidencia como o vírus da Covid-19 se espalhou pelo mundo, colapsando os sistemas de saúde e instaurando o caos por onde passava. Acerca das formas de enfrentamento pelas autoridades de Estado em diferentes lugares, em especial no Brasil, e mais especificamente na cidade de Uberlândia-MG, é possível afirmar que o presidente Bolsonaro empreendeu uma *política da morte* diante da pandemia. Tal assertiva explica-se por falas, normas, vetos e propagandas de medicamento sem eficácia comprovada cientificamente com o objetivo de promover a propalada “imunidade de rebanho”, usando Manaus como laboratório dessa experiência funesta. O prefeito de Uberlândia, Odelmo Leão, aliado de primeira ordem do presidente Bolsonaro e alinhado com seu dilema *economia versus vida*, promoveu na cidade uma política de fechamento parcial do comércio e, logo em seguida, colocou-se ao lado dos empresários e flexibilizou as medidas restritivas de circulação. Tal postura rendeu à cidade a 20ª colocação entre as com mais mortes no país. Esse índice significou que morreram mais pessoas em Uberlândia que nas 22 capitais brasileiras.

**Palavras-chave:** Política de morte; Pandemia de Covid 19; Políticas Públicas; Uberlândia-MG.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - “Milão não para”	16
Figura 2 - Março de 2020, Itália torna-se o primeiro epicentro do coronavírus fora da China	17
Figura 3 - Abril de 2020, os Estados Unidos têm mais casos de Covid-19 que qualquer outro lugar no mundo.	19
Figura 4 - Casos e mortes no ano de 2020, segundo a Universidade Johns Hopkins	20
Figura 5 - Brasil, 31 de dezembro de 2020.	27
Figura 6- Segunda onda da Covid-19 chega ao Brasil	32
Figura 7- Variantes da Covid-19 no Brasil	34
Figura 8- Manaus em colapso	35
Figura 9- Covas abertas no cemitério da vila Formosa em São Paulo	37
Figura 10 - Trânsito pesado	39
Figura 11- Quem tem medo da CPI da Covid-19	41
Figura 12- Membros da CPI da Covid-19	43
Figura 13 - 412 mil vidas perdidas para Covid-19 somente em 2021 no Brasil	46
Figura 14- E daí?	47
Figura 15 - Fechamento parcial do comércio de Uberlândia	50
Figura 16- Evolução geográfica do Coronavírus em Uberlândia desde o início da pandemia até junho de 2020	52
Figura 17 - Campanha da CDL de Uberlândia #ReabrirJá	54
Figura 18- Índice de isolamento social em Uberlândia	56
Figura 19 - Evolução semanal dos casos confirmados de coronavírus em Uberlândia	57
Figura 20 - Taxa de ocupação de leitos de UTI exclusivos para pacientes com Covid-19 2020/21	58
Figura 21 - Número semanal de mortes por coronavírus em Uberlândia	58
Figura 22- Perfil das mortes por Covid-19 em Uberlândia	59
Figura 23- Óbitos acumulados (por 100 mil hab.): Araraquara-SP x Uberlândia-MG	61

## Sumário

RESUMO	4
LISTA DE FIGURAS	5
INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO I	11
1. História do Tempo Presente e História Digital no contexto do novo Coronavírus	11
1.1. Nunca estamos preparados para uma Pandemia	15
1.2. O vírus é letal, o negacionismo também	21
CAPÍTULO II	29
2. História das doenças e a política de morte de Bolsonaro	29
2.1. A Necropolítica - “Hospitais como câmaras de asfixiamento”	32
2.2. Crimes expostos sob milhares de vidas perdidas	41
CAPÍTULO III	49
3. Milão não para! Uberlândia também não!	49
3.1. Uberlândia está à frente de 22 capitais brasileiras em mortes por Covid-19	56
3.2. Ritos e práticas fúnebres na cidade “modelo” de Uberlândia diante da Covid-19	63
CONSIDERAÇÕES FINAIS	69
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	72
Fontes digitais	72
Documentos do Poder Executivo Municipal	78
Bibliografia (livros e artigos)	78

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objeto de pesquisa o cenário da Covid-19 na cidade de Uberlândia, nos anos de 2020 e 2021. Nosso maior objetivo é compreender o contexto histórico no qual a pandemia do novo Corona vírus aconteceu e, para tanto, procuramos evidenciar as atuações de autoridades de um lado, e buscar perceber, por outro, como a população lidou com as normas restritivas impostas, além de tentar traçar o jogo de interesses entre o público e o privado.

Para desenvolver a pesquisa lançamos mão da perspectiva histórica do Tempo Presente, que diz respeito aos acontecimentos e fatos que o historiador investiga quando estes ainda estão em evidência. Sob este ponto de vista historiográfico, o pesquisador faz parte da trama social, haja vista que está inserido no evento que analisa.

Metodologicamente recorreremos à história digital, uma vez que a internet foi o único meio de chegarmos até as fontes e por compreendermos este meio de divulgação como um método de investigação histórica possível. Vale ressaltar que todas as fontes usadas nesta pesquisa são digitais e encontram-se disponíveis na internet. Acrescentamos ainda que nossas imagens e gráficos podem ser acessados por link, ou pelo celular, por meio do QR Code.

No Capítulo I desta monografia serão traçadas as bases da pesquisa. Quais sejam: a perspectiva da história a partir do que estamos chamando de Tempo Presente como orientação epistemológica, e a história digital, enquanto perspectiva metodológica. Em seguida chegamos ao tema nuclear da pesquisa, a pandemia de Covid-19.

Partimos do alerta emitido pela OMS em 31 de dezembro de 2019 sobre um surto de síndrome respiratória aguda grave na China. Menos de 2 meses depois a OMS declarou o novo coronavírus uma pandemia, haja vista que o número de casos e mortes tinha se espalhado pelo mundo de forma acelerada.

Desde o início da pandemia, muitos governos negligenciaram a letalidade do vírus e demoraram a perceber a gravidade da crise sanitária que o mundo experimentava. O primeiro caso emblemático da força do vírus e de negligência de governante pode ser atribuída à forma pela qual o prefeito de Milão, na Itália, lidou com a chegada da doença a cidade turística. À

época o prefeito empreendeu uma campanha publicitária com a #MilhãoNãoPara, alegando que a economia não poderia parar por conta de um vírus. O resultado após um mês desta medida foi 5 mil vidas perdidas, levando o prefeito pedir desculpas e adotar as medidas restritivas.

Em março de 2020 a Itália se torna o primeiro epicentro da doença fora da China, a situação foi dramática, o país se tornou vazio e triste, em contraste com os tempos pré-pandemia de ruas cheias de turistas. Um pesadelo transmitido praticamente ao vivo para o mundo inteiro em tempo real. Em abril, os Estados Unidos se tornaram o segundo epicentro da doença, tendo mais casos de covid-19 naquele país que qualquer outro lugar no mundo.

O Brasil teve tempo para se preparar para a chegada do vírus, contudo o governo federal preferiu adubar o terreno e esperar pelo mesmo, enquanto negava sua letalidade e até mesmo sua existência. Nesse cenário, o Brasil se tornou o novo epicentro da doença e a partir disso uma guerra de narrativas e discursos foram se disseminando, de um lado, o presidente Bolsonaro e o negacionismo, tentando empreender sua política de morte, através de medicamentos sem eficácia comprovada pela ciência e defendendo a imunidade de rebanho, e, de outro, os cientistas, defendendo as medidas de distanciamento social para conter a proliferação do vírus.

No Capítulo II jogaremos uma lupa sobre o Brasil durante a pandemia, a fim de verificar como as autoridades enfrentaram o vírus. Todos os Ministros da Saúde que eram favoráveis às medidas de contenção do vírus foram demitidos pelo presidente da República, depois de Mandetta, Teich, surge Eduardo Pazuello, este disposto a obedecer ao presidente e colocar em prática sua ação deliberada de promover a contaminação, oferecendo remédios ineficazes para doença da Covid-19.

No fim de 2020, surgem novas variantes e a segunda onda da Covid-19 atinge com força o Brasil, que ainda nem tinha saído da primeira, em janeiro de 2021. Manaus, no Amazonas, vira manchete no mundo pelas “câmaras de asfixiamento” que os hospitais se tornariam, pois os tubos de oxigênio haviam acabado na cidade e os pacientes estavam morrendo. O ministro da Saúde e o presidente da República, mesmo sabendo da iminência do colapso hospitalar, desde o fim de dezembro, enviaram para o estado apenas remédios do chamado “kit covid”, medicamentos sem comprovação científica para a doença. O objetivo de Bolsonaro era o de promover a imunização de rebanho e para isso usou Manaus como laboratório desse experimento funesto, como demonstraremos pelas nossas fontes, coletadas para o capítulo.



Em São Paulo, covas abertas no maior cemitério da América Latina viram manchete do “The Washington Post”. Segundo o jornal americano, a América do Sul demorou a dar uma resposta ao vírus. O então prefeito de São Paulo na época, Bruno Covas, negou que a abertura de dezenas de covas tivesse relação com a Covid-19, mas o número de mortes na capital teve um aumento de quatro vezes.

Durante a pandemia de Covid-19 no Brasil, o presidente Bolsonaro realizou algumas “motociatas”<sup>1</sup> em capitais e cidades brasileiras. Nessas ocasiões era comum ele desrespeitar as medidas restritivas de uso de máscaras hospitalares e distanciamento social, além de promover aglomerações. Chegou a ser multado em São Paulo por não usar máscara, porém ele considerou ser mais importante em seus discursos para os apoiadores incentivar atos antidemocráticos, como por exemplo, reivindicar o fechamento do STF. Nesses eventos, era comum o presidente atacar a imprensa, a ciência, os governadores e os prefeitos, estes últimos em alguma medida porque tomaram iniciativas pró-ciência e impuseram em seus respectivos estados e cidades medidas para a contenção do vírus, através de isolamento social e do fechamento do comércio. Essas ações geraram a ira de Bolsonaro, que passou a atacar sistematicamente àqueles.

Em 2021, ficou evidente que o número de mortes do Brasil era inacreditável e merecia serem apuradas as responsabilidades no enfrentamento à maior crise sanitária dos últimos 100 anos. Instalou-se no Congresso Federal a CPI da Covid, com o intuito de apurar as omissões e negligências por parte do governo federal. A CPI revelou o desinteresse do governo em comprar uma vacina dos laboratórios da Pfizer, e super interesse em outra vacina, onde cada dose renderia um dólar de propina. Foi também na CPI que ficou comprovado o objetivo do governo em promover a imunidade de rebanho. Muitos crimes foram atribuídos ao presidente, mas nada foi levado em diante, e há poucos dias (em 28 de julho de 2022) houve o arquivamento do inquérito por parte da PGR, responsável por oferecer denúncia.

Somente em 2021, o Brasil registrou mais de 412 mil mortes pela Covid-19, um número impressionante considerando que o país tem 3% da população do planeta e teve 12% das mortes de Covid-19. Não temos dúvida em afirmar que esses números alarmantes são reflexo da política de morte de Bolsonaro. Vale afirmar ainda que não foi incompetência, ou negligência, na nossa perspectiva foram executadas políticas conscientes, como bem

---

<sup>1</sup> O termo, criado durante a gestão do governo Bolsonaro, era usado para designar as passeatas formadas por motocicletas: uma espécie de carreta puxada por motociclistas, pelas ruas das cidades, onde o presidente promovia seus comícios ou visitas.

comprovou o trabalho extraordinário da cientista Deisy Ventura, que realizou uma pesquisa e cruzou dados oficiais, falas do presidente, normas, vetos e propaganda de medicamentos sem eficácia comprovada e concluiu que as ações do presidente Bolsonaro foram conscientes, premeditadas e tinham por objetivo induzir à imunidade de rebanho, através de uma política coordenada.

No Capítulo III ampliaremos a lupa para perceber como Uberlândia lidou com a pandemia de Covid-19. Pode-se verificar que a cidade foi uma das mais afetadas pelo vírus, tendo em vista que ocupa a 20ª posição entre as cidades com mais mortes no país. Não por acaso, o prefeito Odeldo Leão, aliado de primeira ordem de Bolsonaro, alinhado com o lema enganoso e que provoca uma falsa dicotomia entre a “defesa da economia versus vida”. Esse prefeito realizou em Uberlândia uma verdadeira campanha a favor deste lema, passando a impressão de que estava enfrentando a pandemia com determinação, porém, na realidade, nunca fechou totalmente o comércio na cidade, até mesmo quando havia superlotação nas UTIs dos hospitais.

Em março de 2020 o prefeito já defendia a hidroxicloroquina para tratamento da doença. Em abril de 2020 com a chegada da pandemia à cidade, decretou o fechamento de serviços e comércio, embora tenha deixado liberado alguns setores, mas com a pressão e manifestações de empresários, logo cedeu e ampliou as flexibilizações. O resultado não poderia ser outro: em alguns meses a rede de saúde do município entrou em colapso.

Neste trabalho traçaremos uma comparação entre Uberlândia-MG e Araraquara-SP, onde é possível perceber a diferença em relação às ações adotadas e os números de cada cidade sobre a pandemia. Uberlândia registrou 3.426 óbitos, que corresponde a 484,86 mortes por 100 mil habitantes, e uma letalidade de 1,55%, enquanto Araraquara registrou 640 mortes, que corresponde a 266,07 por 100 mil habitantes, e letalidade de 1,08%. Uberlândia registrou mais mortes por Covid-19 que 22 capitais brasileiras.

## CAPÍTULO I

### 1. História do Tempo Presente e História Digital no contexto do novo Coronavírus

O objeto dessa pesquisa é compreender o contexto histórico da pandemia de Covid-19 na cidade de Uberlândia-MG. O objetivo é analisar como a população lidou com o período de emergência sanitária no município, a partir de restrições que vão desde a circulação de pessoas até transformações nos rituais de despedida de entes falecidos, além do jogo político de interesses privados e públicos, e o enfrentamento pelo poder executivo do município no combate ao vírus.

Escrever a História enquanto ela acontece é o desafio enfrentado pelos historiadores (as) que têm em seu objeto de investigação fatos/acometimentos que estão acontecendo no presente. Este trabalho se fundamenta epistemologicamente neste regime de historicidade (Hartog, 2013)<sup>2</sup>, cabendo, portanto, tecer alguns marcos conceituais fundamentais para a compreensão deste novo paradigma historiográfico denominado História do Tempo Presente.

Segundo Marieta de Moraes Ferreira, em artigo publicado em 2018,<sup>3</sup> a concepção historiográfica tradicional do século XIX estabeleceu regras para se produzir um

---

<sup>2</sup> Regimes de Historicidades são a forma como uma sociedade se relaciona com o tempo, e como essa relação afeta essas sociedades. Um regime de historicidade de um tempo (que pode ser o passado, o presente ou o futuro), tem predominância sobre os outros. Hartog desenvolve a categoria para análise histórica, nos permitindo compreender que cada tempo histórico apresenta regimes de historicidades diferentes, ou seja, as pessoas experienciam seu tempo de uma forma particular. Na Antiguidade e Idade Média, o regime predominante era o passadista, ou seja, a perspectiva orientadora era o passado glorioso, a história mestra da vida, o exemplo a ser seguido estava no passado. A Idade Moderna rompe com essa ideia de história mestra da vida, pois a partir da dupla revolução (Francesa e Industrial), e da ideia de progresso, o regime instaurado é o futurista, ou seja, a perspectiva das sociedades passa a ser o futuro, o passado é visto como atraso, o presente como um espaço curto a ser percorrido rumo ao progresso. O regime presentista seria o atual, e tem que ver com uma descrença no progresso e no futuro, originada no século XX com os eventos traumáticos, o passado é visto com certo saudosismo e o presente como um tempo que não passa, o futuro é entendido como algo apocalíptico.

<sup>3</sup> FERREIRA, Marieta de Moraes. Notas iniciais sobre a história do tempo presente e a historiografia no Brasil. Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 10, n. 23, p. 80 - 108, jan./mar., 2018.

conhecimento histórico científico, este deveria investigar o passado distante, esta era pois uma condição para se obter maior objetividade ao escrever a história, que devido a seu método de estudo próprio, garantia uma distância do presente e a crítica desse. Havia, portanto, uma defesa de ruptura entre passado e presente e neste contexto afirma-se o profissional especializado que dominaria as técnicas para a correta execução da escrita histórica.

Ainda de acordo com Marieta de Moraes Ferreira, o século XX foi marcado por grandes transformações no campo de pesquisa histórica, quando ganhou grande impulso a história cultural, o estudo do político e a inclusão do estudo da contemporaneidade, com as novas discussões da relação entre passado e presente. Rompe-se, assim, a identificação entre o objeto histórico e o passado e abre-se caminho para novas investigações.

Essas transformações na pesquisa histórica, especialmente na França, acarretaram a criação de um laboratório, em 1978, de História do Tempo Presente (IHTP), que enfrentou muitas críticas de historiadores renomados, alegando prejuízo à análise crítica, haja vista que esta somente seria possível através da objetividade e de uma visão retrospectiva (passado).

Para responder às críticas, o IHTP organizou um Seminário com pesquisadores de diferentes disciplinas e de tempos históricos diferentes e desta discussão resultaram duas questões importantes: a primeira diz respeito à interação entre passado e presente e a segunda de que esta história poderia sim, ter bases científicas, e que era preferível que esta ficasse sob domínio de historiadores (as) do que objeto de outras ciências. Marieta de Moraes Ferreira<sup>4</sup> faz referência a Paul Ricoeur, que argumenta que a história do tempo presente possui trunfos epistemológicos e contribui para uma “desfatalização” da análise, tendo em vista que o evento ainda está em aberto.

Chauveau e Tétart, em texto de 1999, intitulado “Questões para a História do presente”,<sup>5</sup> chamam a atenção para a importância de uma história do tempo presente, que já era defendida desde os *Annales*, quando Marc Bloch dizia que “a incompreensão do passado nasce fatalmente da ignorância do presente”. Portanto as raízes dessa preocupação com o presente já estavam dadas desde o início do século, e o que vai acontecer na década de 1970 é uma intensificação dos debates a partir da criação do IHTP e uma demanda social por memória dos eventos traumáticos do século XX que impulsionaram este paradigma historiográfico.

---

<sup>4</sup> FERREIRA, Marieta de Moraes. Notas iniciais sobre a história do tempo presente e a historiografia no Brasil. *Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 10, n. 23, p. 80 - 108, jan./mar.2018.

<sup>5</sup> CHAUVEAU, Agnès; TÉTARD, Philippe. Questões para a história do presente. In: CHAUVEAU, Agnès; TÉTARD, Philippe. Questões para a história do presente. Bauru: Edusc, 1999.

Ainda segundo Chauveau e Tétart,<sup>6</sup> existem diferentes locuções para se referir a este novo paradigma, quais sejam: História do presente, História próxima e História imediata, todas têm que ver com o campo de estudo do “muito contemporâneo”, resguardadas suas diferenças cronológicas. Vale destacar que quando falamos de história do tempo presente, é importante ressaltar autores/obras de referência, como o livro de François Hartog intitulado “Regimes de historicidades: presentismo e experiências do tempo”<sup>7</sup> e também Gumbrecht com a obra “Nosso amplo presente: o tempo e a cultura contemporânea”<sup>8</sup>.

Pode-se, portanto, apontar que a História do Tempo Presente surge como possibilidade historiográfica a partir do estreitamento do paradigma moderno de história, ou seja, a partir dos eventos traumáticos do século XX, quais sejam, duas guerras mundiais, duas bombas atômicas. O conceito de experimentação de um tempo entra em decadência, aquele voltado ao progresso e à razão já não dá mais conta da realidade. Surge então uma nova forma de experimentar o tempo, que vive o presente amplo numa acepção de Gumbrecht, ou seja, um presente que não passa. Outro ponto são as co-presenças, em outras palavras, o passado está em constante disputa e o presente têm suas referências no passado.

É possível diferenciar os conceitos moderno e contemporâneo de história a partir da experimentação do tempo, pois se no conceito moderno de história, o passado era visto com o atraso a ser superado pelo progresso, o presente é um espaço curto de tempo a ser superado, e o futuro é o progresso, aquilo que era desejado. O conceito contemporâneo de história, vê o passado como objeto de revivificação e de representificação, enquanto o presente é um amplo espaço de múltiplas presenças e o futuro é a catástrofe.

Para este trabalho de monografia de conclusão de curso optou-se pelo conceito de atualização, como síntese desse paradigma historiográfico denominado História do Tempo Presente, defendido, no Brasil, pelos historiadores Mateus Pereira e Valdei Araújo no livro publicado em 2018 intitulado “Atualismo 1.0: como a ideia de atualização mudou o século XXI”<sup>9</sup>. A escolha pelo conceito de atualização tem a ver, em certo sentido, com o aprofundamento das ideias de Hartog e Gumbrecht, tendo em vista que estes formularam seus conceitos na segunda metade do século XX, e Mateus Pereira e o Valdei Araújo estão falando

---

<sup>6</sup> CHAUVEAU, Agnès; TÉTARD, Philippe. Questões para a história do presente. In: CHAUVEAU, Agnès; TÉTARD, Philippe. Questões para a história do presente. Bauru: Edusc, 1999.

<sup>7</sup> HARTOG, François. Regimes de historicidade: presentismo e experiência do tempo. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

<sup>8</sup> GUMBRECHT, Hans Ulrich. Nosso amplo presente - o tempo e a cultura contemporânea. Trad. Ana Isabel Soares. São Paulo: Editora da UNESP, 2015.

<sup>9</sup> PEREIRA, Mateus; ARAUJO, Valdei. Atualismo 1.0 - Como a ideia de atualização mudou o século XXI. 1. ed. Ouro Preto: SBTHH, 2018.

do século XXI, portanto concordamos com os autores de que o conceito de atualismo é o conceito síntese dessa cultura histórica contemporânea. Para os autores:

Em nossa reflexão a palavra atualismo ajuda a entender a persistência de determinados níveis de aceleração, dispersão e dissociação temporal apesar da crise ao fechamento do futuro, chamamos as formas específicas de conectar o passado, o presente e o futuro de temporalização do tempo, nessa direção a emergência da palavra atualização, como conceito de relevância político e social, pode ser tomada como fenômeno revelador de novas formas de temporalização, se vista como uma metáfora de certas situações e experiências contemporâneas a palavra pode nos ser útil na compreensão de transformações dos mundos da vida, pode ser ainda tomada como sintoma de como o tempo se temporaliza no mundo atual e como a sensação de aceleração e multiplicação de ocorrências pode ser desconectada da decisão da utopia e de uma noção totalizante e orientadora de progresso.<sup>10</sup>

Metodologicamente o trabalho recorre à História Digital, haja vista que o uso da internet e de documentos virtuais sustentam a nossa pesquisa. Vale ressaltar que a História Digital é um campo recente da área de História e somente pode ser pensada a partir de uma perspectiva da História do Tempo Presente, pois este campo também ainda está em construção e permite uma variada gama de instrumentos. Concordamos com Rioux quando sugere que, “munido de sua caixa de instrumentos, o historiador passa a criar um passado a partir das tecnologias e teorias que lhe asseguram no presente”.<sup>11</sup>

A popularização do acesso ao computador no final do século passado alterou de forma ampla todos os aspectos da vida humana, desde os relacionamentos pessoais, as formas de comunicação e também as práticas de trabalho, nesse sentido estamos de acordo com a ideia de que o advento da internet e seu crescimento nas primeiras décadas do novo século configuram novas possibilidades para a realização do trabalho dos historiadores do tempo presente.<sup>12</sup>

Gilberto Gil<sup>13</sup>, em álbum de 1997, anunciava muitos termos da “infomaré” que nas décadas seguintes seriam de conhecimento de grande parte da população, contudo se nos detivermos por um instante em analisar a letra da música “Pela internet” percebemos que muitos termos já estão ultrapassados, ou nas palavras de Pedro Eurico Rodrigues é “coisa velha” no mundo digital.<sup>14</sup>

<sup>10</sup> PEREIRA; ARAUJO. Atualismo 1.0 - Como a ideia de atualização mudou o século XXI. Op. Cit..

<sup>11</sup> RIOUX, Jean - Pierre. Pode-se fazer uma história do presente? In: CHAUVEAU, Agnès; Tétart, Philippe (Org). Questões para o presente. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

<sup>12</sup> ALMEIDA, Fábio Chang de. O historiador e as fontes digitais: uma visão acerca da internet como fonte primária para pesquisas históricas. Aedos, v. 3, n. 8, p. 9-30, jan./jun.2011.

<sup>13</sup> GIL, Gilberto. Pela Internet In: Quanta. Warner Music, 1997. (Grifos do autor)

<sup>14</sup> RODRIGUES, Pedro Eurico. A teia, a tela e o tempo: internet e história do tempo presente. Revista Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 6, n. 12, p. 131 - 150, mai./ago. 2014.

Segundo Ana Carolina Machado,<sup>15</sup> os historiadores foram levados, pela necessidade do isolamento social causado pela pandemia de Covid-19, a ressignificar suas maneiras e métodos de trabalho, e nesse sentido concordamos que, nos últimos anos, o campo da história viu emergir uma nova possibilidade de abordagem e prática relacionada diretamente com as condições de produção do conhecimento histórico no tempo presente, a História Digital.<sup>16</sup>

### 1.1. Nunca estamos preparados para uma Pandemia

Para a discussão bibliográfica deste tópico lançaremos mão do livro “Almanaque da Covid-19: 150 dias para não esquecer ou a história do encontro de presidente fake e um vírus real” de autoria de Mateus Pereira, Mayra Marques e Valdei Araujo, lançado em 2020.<sup>17</sup>

A década de 20 do século XXI teve início em 1º de janeiro de 2020 e naquele momento as comemorações de um novo ano pareciam comuns a todos os anos anteriores, exceto pelo alerta da Organização Mundial da Saúde (OMS), no dia 31 de dezembro de 2019, sobre casos de uma pneumonia incomum em Wuhan, cidade chinesa de 11 milhões de habitantes.

As primeiras informações indicavam que os casos clínicos começaram no início do mês de dezembro, sendo o mercado Atacadista de Frutos do Mar de Huanan<sup>18</sup> o principal suspeito do surto, haja vista que muitas pessoas infectadas tiveram exposição direto com o mercado.

---

<sup>15</sup> MACHADO, A. C. História digital em tempos de crise: as demandas do tempo imediato e suas implicações no trabalho dos historiadores. Aedos, Porto Alegre, v. 12, n. 26, ago. 2020.

<sup>16</sup> LUCCHESI, Anita. Histórias no ciberespaço: viagens sem mapas, sem referências e sem parapeiros no território incógnito da web. Cadernos do Tempo Presente, n.6, dez./ 2012. ; LUCCHESI. Por um debate sobre historiografia digital. Boletim Historiar, v.2 n. 02, p. 45-57, mar. /abr. 2014.

<sup>17</sup> ARAUJO, Valdei; MARQUES, Mayra; PEREIRA, Mateus. Almanaque da Covid-19: 150 dias para não esquecer ou a história do encontro entre um presidente fake e um vírus real. Vitória: Milfontes, 2020.

<sup>18</sup> O mercado vende 120 tipos de animais selvagens de 75 espécies, esses animais são vendidos vivos e ou abatidos no local, onde trabalham mais de 1000 vendedores.

No último dia do ano de 2019, o algoritmo de Inteligência Artificial (IA) de uma empresa canadense, a BlueDot,<sup>19</sup> fazia um alerta sobre uma possível pandemia. Em 5 de janeiro as autoridades sanitárias chinesas descartam a reincidência da SARS, gripe aviária, gripe sazonal e a MERS, ou seja, o mundo estava diante de algo desconhecido na comunidade científica, contudo a OMS entendia que não havia motivos para qualquer restrição à China. Em 2019, a OMS relatou mais de 100 surtos de doença, o que levou a criação de grupo de especialistas do Banco Mundial, OMS e ONU com o intuito de analisar se o mundo seria capaz de responder a uma pandemia, e a resposta foi “não”. Naquele momento a OMS alertou que a ameaça de uma pandemia global era real.

Os casos se espalham rapidamente para outros países e, em 21 de janeiro é confirmado o primeiro caso nos Estados Unidos. O então presidente Donald Trump, que estava em Davos, no Fórum Econômico Mundial, comunicava: “é só uma pessoa que veio da China, e temos tudo sob controle, tudo ficará bem”.<sup>20</sup>

Contudo é divulgado pela OMS o primeiro relatório sobre a situação sanitária causada pelo novo vírus, e ficava evidente a gravidade do problema que o mundo experienciava, uma vez que os casos de contaminação se multiplicaram rapidamente. Se por um momento acreditou-se que seria uma situação que atingiria a Ásia apenas, logo percebeu-se que o vírus não reconheceria fronteiras e desembarcaria no continente americano em poucos dias após sua identificação.

Em 30 de janeiro de 2020 a OMS declarava que o novo coronavírus era uma emergência global e nomeia provisoriamente a doença causada pelo novo vírus de NCoV-2019, (n) novo e Cov (coronavírus). Nessa data há casos confirmados em 18 países, com 170 mortes.

Em 11 de fevereiro a OMS batizou o novo coronavírus de COVID-19 (Doença por Coronavírus 2019). O nome escolhido não faz menção a nenhum país, animal ou pessoa, talvez numa tentativa de evitar possíveis associações do vírus com a China. Vale ressaltar que dois dias antes o embaixador chinês nos EUA foi à TV americana combater os rumores sobre a origem do vírus, na ocasião Cui Tiankai alertou para o perigo dessas associações, pois, de um lado poderia gerar pânico na população e de outro a xenofobia.

---

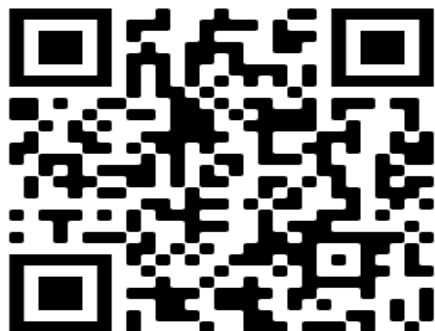
<sup>19</sup> A empresa conseguiu “prever” por meio de passagens aéreas a disseminação do vírus para fora da China. Segundo o CEO da BlueDot, não é possível confiar em governos sobre essas informações, ainda de acordo com o dono da IA, a solução para as pandemias advém da antecipação que esse tipo de empresa oferece.

<sup>20</sup> “Vai desaparecer” e “não usou máscaras”: lembre quando Trump minimizou a pandemia. Brasil de Fato. 2020.

<https://www.brasildefato.com.br/2020/10/02/vai-desaparecer-e-nao-uso-mascaras-relembre-quando-trump-minimizou-a-pandemia> Acesso em 05/06/2022.



Figura 1 - “Milão não para”



Fonte: A campanha publicitária “Milano NON si ferma” (Milão não para), divulgada pela prefeitura de Milão. Poder 360. 2020. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=0rDmlG6XoMU>. Acesso em 05/06/2022.

A forma como o prefeito de Milão reage à Covid-19 mostra que, apesar de todos os alertas da OMS, naquele momento a doença ainda não era vista como uma ameaça grave, haja vista que não valeria a pena parar Milão por conta de um vírus. Pouco mais de um mês na região onde se encontra a capital da Lombardia estava a lona, com quase cinco mil vidas perdidas para a Covid-19.

A campanha publicitária de Milão<sup>21</sup> na Itália tornou-se um marco simbólico do que não fazer frente a um vírus letal, para o qual não havia vacina ou tratamento, portanto aquele exemplo trágico poderia ajudar outros lugares a agirem de forma diferente, de não menosprezar a doença, de se preparar para a chegada da mesma, posto que, nesse momento, a questão não era mais se chegaria aqui, mas a questão era quando chegaria.

O mal exemplo de Milão poderia servir em última instância para ligar o alerta vermelho em outros governos e países a fim de que estes se preparassem para a chegada do vírus, tendo em vista que a região da Lombardia assistiu o caos no sistema de saúde ao resistir na implementação de medidas de isolamento social para conter a disseminação do vírus, justificando que isso traria prejuízos econômicos à cidade.

---

<sup>21</sup> No momento da divulgação do vídeo na internet, em 27 de fevereiro, a Lombardia, região setentrional da Itália, tinha 258 pessoas infectadas pelo vírus, e o país inteiro contabilizava 12 mortes. Após um mês, a Lombardia, cuja capital é Milão, região da Itália mais atingida pela Covid-19, registrou 34.889 casos de contágio e 4.861 óbitos.

Figura 2 - Março de 2020, Itália torna-se o primeiro epicentro do coronavírus fora da China



Fonte: Coronavírus: como é viver na Itália, epicentro da epidemia na Europa. CNN Brasil. 2020. <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/coronavirus-como-e-viver-na-italia-epicentro-da-pandemia-na-europa/>. Acesso em 05/06/2022.

A Itália tornava-se no mês de março de 2020 o epicentro do novo coronavírus,<sup>22</sup> em apenas três semanas, o país registrava mais 20 mil casos da doença e quase 2 mil mortes. A situação leva o primeiro-ministro a adotar medidas rígidas para conter a propagação do vírus. As cidades turísticas como Milão e Veneza ficaram vazias, o país parou, os bares e restaurantes fecharam, as escolas e universidades também, o mercado tinha controle de pessoas na entrada, os aeroportos não funcionaram, as fronteiras com outros países foram fechadas, as pessoas foram orientadas a ficar em casa, apenas serviços essenciais funcionavam.

A terceira economia da Europa, o país alegre e vibrante, estava agora tomado pelo medo do vírus e pela solidão do isolamento social. Os moradores falavam do estranhamento de ver as ruas vazias, os pontos turísticos desertos. Ficou conhecido mundialmente o relato do médico de que muitos hospitais estavam no limite, os profissionais da área de saúde sob pressão, trabalhando muitas horas seguidas e em alguns lugares improvisavam-se locais para alojar pacientes menos graves.

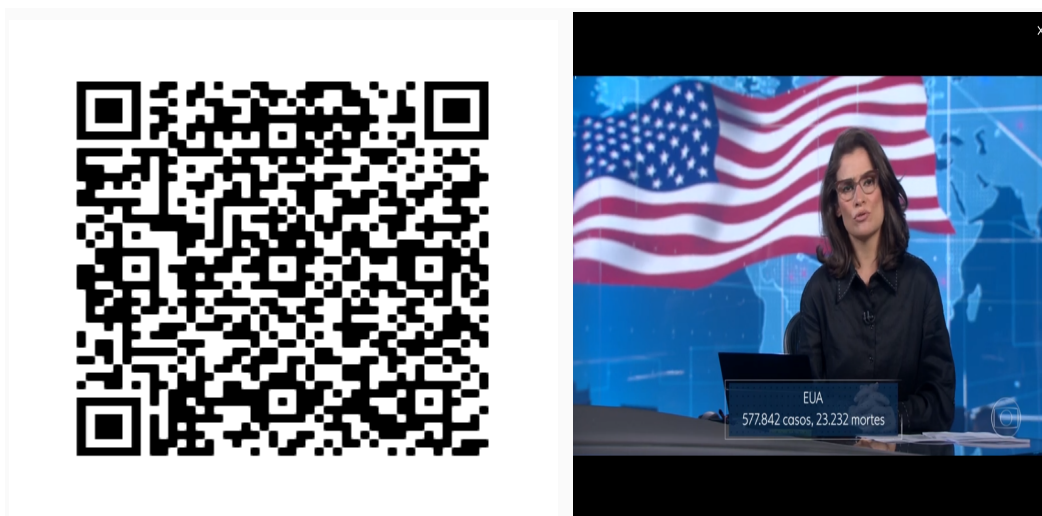
Os funerais foram proibidos, a fim de evitar a aglomeração de pessoas e a contaminação pela doença, o apelo nas redes sociais do ator Luca Franzese, da série Gomorra, infectado pelo vírus, pedindo ajuda para enterrar a irmã que tinha morrido havia 3

---

<sup>22</sup> Coronavírus: como é viver na Itália, epicentro da epidemia na Europa. CNN Brasil. 2020. <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/coronavirus-como-e-viver-na-italia-epicentro-da-pandemia-na-europa/>. Acesso em 05/06/2022

dias, é dramático e emblemático daquele momento desafiador, vivenciado pelos habitantes de uma região em quarentena.

Figura 3 - Abril de 2020, os Estados Unidos têm mais casos de Covid-19 que qualquer outro lugar no mundo.



Fonte: Nova York já acumula mais casos de coronavírus que qualquer outro lugar no mundo. G1. 2020 <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2020/04/13/nova-york-ja-acumula-mais-casos-de-coronavirus-que-qualquer-outro-lugar-do-mundo.ghtml> Acesso em 10/07/2022.

O mês de abril de 2020 tem um novo epicentro da Covid-19, como previsto pela OMS.<sup>23</sup> Os EUA se tornaram o país no mundo com mais casos e mortes causadas pela doença. Nova York tinha mais casos que qualquer outro país, exceto os EUA, onde o número de mortes passava de 23 mil e mais de meio milhão de infectados.

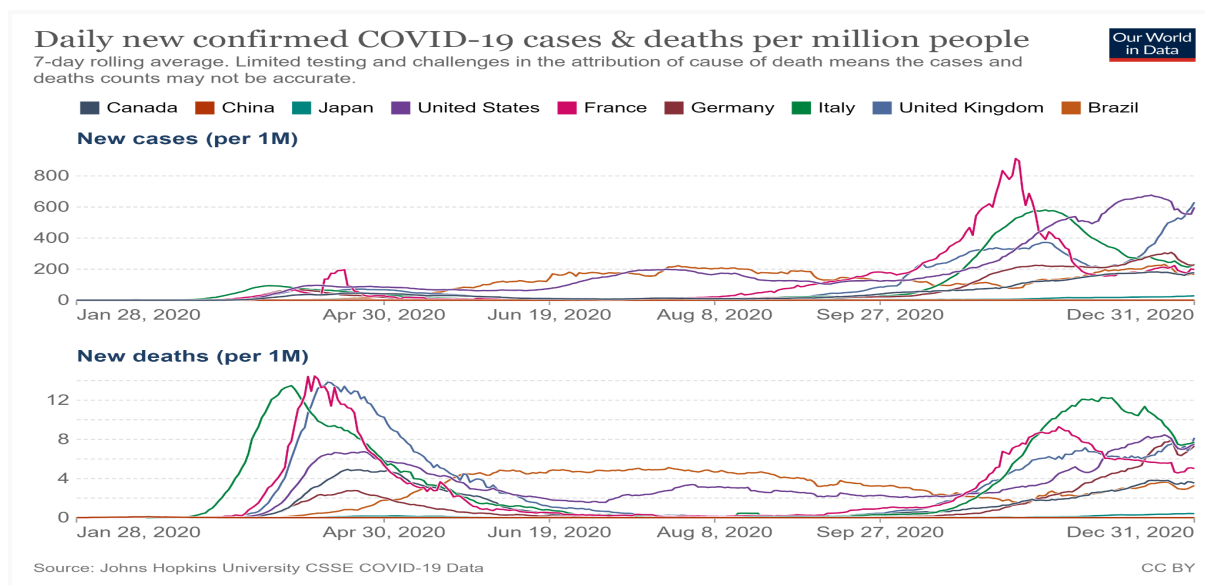
Apesar do cenário caótico, o governador de Nova York acreditava que havia sinais de que a situação poderia melhorar, desde que os cidadãos americanos continuassem em alerta e mantivessem as medidas de distanciamento social. As discussões sobre a reabertura do comércio tomavam conta do discurso do governo federal.

Donald Trump elogiou os esforços da força-tarefa criada para enfrentar a doença, todavia, dias antes havia ido a sua rede social favorita pedir a demissão da principal autoridade da força-tarefa, o médico Anthony Fauci. O diretor-geral da Organização Mundial da Saúde (OMS), Tedros Adhanom Ghebreyesus, anunciou em 11 de março de 2020, em Genebra, na Suíça, que a COVID-19, doença causada pelo novo coronavírus, era agora caracterizada como uma pandemia<sup>24</sup>. Nessa data havia mais de 118 mil casos e quase 5 mil mortes da doença no mundo. A organização recebeu muitas críticas pela demora em caracterizar a doença como uma pandemia.

<sup>23</sup> OMS vê potencial para que EUA se tornem novo epicentro de coronavírus <https://bhaz.com.br/noticias/internacional/oms-eua-epicentro-coronavirus/> Acesso em 05/06/2020

<sup>24</sup> OMS declara pandemia de coronavírus. G1. 2020. <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/11/oms-declara-pandemia-de-coronavirus.ghtml> Acesso em 05/06/2022.

Figura 4 - Casos e mortes no ano de 2020, segundo a Universidade Johns Hopkins



Fonte: [COVID-19 Data Explorer](#) Acesso em 05/06/2022.

No cenário global,<sup>25</sup> de acordo com o gráfico disponibilizado pela Universidade Johns Hopkins, é possível verificar o número de casos e de mortes por milhão de habitantes em alguns países previamente selecionados. As informações do gráfico indicam como a Covid-19 foi se espalhando pelo planeta. Selecionamos três exemplos para análise, estes correspondem aos epicentros da doença no ano de 2020.

No mês de março, a Itália como o primeiro epicentro do coronavírus, depois da China, foi o país mais castigado na Europa, o segundo epicentro foram os Estados Unidos, que em meados de abril tinha mais casos que qualquer outro país, o terceiro epicentro da Covid-19, como é possível observar no gráfico, ocorreu na América Sul, mais especificamente no Brasil no mês de maio.

<sup>25</sup> Novos casos e mortes confirmados de Covid-19 por milhão de pessoas. Our World in Data. 2020. [COVID-19 Data Explorer](#) Acesso em 05/06/2022

Ao longo de 2020 a ciência lutou contra o tempo para desenvolver uma vacina eficaz que combatesse o vírus da Covid-19, em dezembro a esperança de que o mundo estaria mais perto de superar essa doença ficou mais forte. Vislumbrou-se a possibilidade da volta à normalidade numa terça-feira, 08 de dezembro de 2020, quando o Reino Unido<sup>26</sup> iniciava a vacinação de sua população com um imunizante desenvolvido pela farmacêutica norte-americana Pfizer e da empresa alemã de biotecnologia BioNTech.<sup>27</sup> Nunca se desenvolveu uma vacina contra um vírus em tão pouco tempo na história.

Em 31 de dezembro de 2020,<sup>28</sup> um ano após a primeira notificação da China à OMS, o saldo da pandemia era dramático. Segundo dados oficiais 1.806.072 pessoas perderam a vida no planeta infectados com o vírus da Covid-19 e mais de 80 milhões haviam contraído a doença. A situação era gravíssima, mas a ciência nos deu um pouco de esperança de que num futuro breve as pessoas estariam vacinadas contra essa doença que transformou a realidade do planeta.

## 1.2. O vírus é letal, o negacionismo também

O Ministério da Saúde do Brasil, sob o governo de Jair Bolsonaro, confirmava, em 26 de fevereiro de 2020, o primeiro caso do novo coronavírus no país,<sup>29</sup> o passageiro veio no voo AF 454 da Air France, que deixou Paris em 20 de fevereiro e chegou ao aeroporto de Guarulhos em 21 de fevereiro, tratava-se de um homem de 61 anos de idade, morador de São Paulo, e que tinha feito viagem de negócios para a região da Lombardia na Itália. O paciente apresentou sintomas brandos da doença e ficou em isolamento domiciliar. O ministro da Saúde à época, Luiz Henrique Mandetta, explicava em rede nacional de televisão toda a situação e tentava tranquilizar a população.

---

<sup>26</sup> A Agência Reguladora de Medicamentos e Produtos de Saúde (MHRA, na sigla em inglês) do Reino Unido disse, em nota publicada na quarta, que a aprovação da vacina foi feita com base em uma "revisão contínua" dos dados disponíveis que começou em outubro. A vacina Pfizer/BioNTech apresentou eficácia de 95% na prevenção à Covid -19, segundo estudos da fase 3 dos testes do imunizante.

<sup>27</sup> Idosa de 90 anos é a primeira a ser vacinada contra Covid-19 no Reino Unido. G1. 2020. <https://g1.globo.com/bemestar/vacina/noticia/2020/12/08/idosas-de-90-anos-e-a-primeira-a-ser-vacinada-contracovid-no-reino-unido.ghtml> Acesso em 10/06/2022.

<sup>28</sup> Balanço mundial da pandemia em 31 de dezembro. Gaúcha ZH. 2020. <https://gauchazh.clicrbs.com.br/mundo/noticia/2020/12/balanco-mundial-da-pandemia-em-31-de-dezembro-ckjcximzd001o01iiaeuve1nx.html> Acesso em 10/06/2022.

<sup>29</sup> Ministério da saúde confirma primeiro caso de coronavírus no Brasil. G1. 2020. <https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2020/02/26/ministerio-da-saude-fala-sobre-caso-possivel-paciente-com-coronavirus.ghtml> Acesso em 10/06/2022.

O Ministério da Saúde<sup>30</sup> virou um campo de batalha, pois era arena de disputa entre negacionistas, aliados com o presidente da República, e defensores da ciência, seguidores do ministro. O alinhamento de Luiz Henrique Mandetta (médico ortopedista) com a defesa das medidas de isolamento e das recomendações da OMS no combate ao coronavírus fez do mesmo um personagem que inspirava confiança dos brasileiros, tanto que em pesquisa do Datafolha no início de abril, sua aprovação era de 76%, este fato incomodou o presidente Jair Bolsonaro, defensor e propagador do “kit medicamentosos para tratamento precoce da covid-19”, constituído de ivermectina, azitromicina e hidroxicloroquina, todos medicamentos sem comprovação científica para Covid. Os embates entre o ministro e o presidente resultaram na demissão do primeiro em 16 de abril de 2020.

Para substituir Mandetta, foi nomeado Nelson Teich (médico oncologista) que, assim como seu antecessor, defendia as medidas recomendadas pela OMS, como o isolamento social e o “lockdown” para cidades com alta transmissão, contudo Bolsonaro cobrava do Ministério a mudança de protocolo para o tratamento precoce da Covid-19, para que fosse autorizada o uso de hidroxicloroquina e o conjunto de medicamentos, mas o ministro não concordava que o medicamento fosse uma solução, por isso, em 15 de maio de 2020 o ministro saía do Ministério.

O novo ministro a assumir a pasta foi Eduardo Pazuello, general da ativa do Exército, que, sem nenhuma experiência na área da saúde, mas disposto a fazer as vontades do presidente, desconsiderando as recomendações dos especialistas e da ciência, como chegou a dizer em uma *live* “um manda, outro obedece”, aprovou o chamado tratamento precoce da Covid-19, e orientava o uso de hidroxicloroquina, com distribuição em larga escala à população brasileira, e autorizou a sua fabricação pelo Exército brasileiro. O novo ministro recebeu muitas críticas pela subserviência ao presidente e pelo desinteresse e demora na negociação com os laboratórios por vacinas contra a covid-19, no entanto sua desastrosa política levou à catástrofe no Estado do Amazonas, onde morreram, por falta de oxigênio, 61 pessoas, 30 só em Manaus.<sup>31</sup>

Na gestão de Eduardo Pazuello no Ministério da Saúde, os dados sobre a pandemia passaram a ser divulgados às 22h, antes eram divulgados às 17h, com essa alteração a maioria

---

<sup>30</sup> Três ministros da saúde e uma pandemia: o ano em que ficamos doentes. Folha de São Paulo. 2020. <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/12/tres-ministros-da-saude-e-uma-pandemia-o-ano-em-que-ficamos-doentes.shtml> Acesso em 10/06/2022.

<sup>31</sup> Crise do oxigênio no Amazonas completa um ano com impunidade e incertezas causadas pela ômicron. G1. 2022. <https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2022/01/14/crise-do-oxigenio-no-amazonas-completa-um-ano-com-impunidade-e-incerteza-causada-pela-omicron.ghtml> Acesso em 10/06/2022.

dos noticiários de TV aberta não poderiam divulgar os números do dia. Além disso, os dados passaram a ser divulgados com omissões sobre número total de mortes e casos, mostrando apenas referente às últimas 24h. O presidente Bolsonaro comentou a alteração do horário dizendo “Acabou matéria no Jornal Nacional” da TV Globo.<sup>32</sup>

O Consórcio de Veículos de Imprensa<sup>33</sup> (CVI) surgiu como uma parceria estabelecida entre os veículos de imprensa brasileiros *O Estado de S. Paulo*, *G1*, *O Globo*, *Extra*, *Folha de São Paulo* e UOL para informar os dados da pandemia no Brasil, recebidos das secretarias estaduais de saúde. Sua fundação ocorreu em 8 de junho de 2020, devido à restrição que o Ministério da Saúde promoveu na época sobre a divulgação dos dados de números de casos e óbitos decorrentes de COVID-19.

Mesmo com o exemplo de outros lugares do mundo de como não lidar com o vírus, no Brasil o discurso oficial por parte do presidente da República parecia desconhecer toda a tragédia que a doença tinha causado por todas as partes por onde tinha passado. O presidente minimizou o vírus em todos os momentos em que teve oportunidade de falar sobre o assunto. A política de enfrentamento do vírus por Bolsonaro foi negar sua existência, sua gravidade, e em última instância, quando não era mais possível negar nenhuma das hipóteses anteriores, restou culpar os outros por tudo que dava errado no governo, inclusive o vírus.

A pesquisadora da USP, Deisy Ventura numa entrevista cedida à TVT<sup>34</sup>, em janeiro de 2021, falava sobre uma pesquisa sob sua coordenação onde cruzou dados oficiais e as ações de Bolsonaro e concluiu que o governo não agiu de forma negligente ou incompetente no enfrentamento à pandemia, mas sua ação foi consciente constituindo deliberadamente uma política de morte. A pesquisa leva em consideração documentos oficiais, as declarações do presidente Bolsonaro, além das obstruções aos trabalhos de governadores e prefeitos que tentavam enfrentar o vírus.

O presidente em seus atos e falas fez uma propaganda contra a saúde pública ao encorajar a população a desrespeitar as medidas preventivas de combate à doença, o objetivo de Bolsonaro era promover a imunidade de rebanho e acabar com a “crise”. No ápice da tragédia de Manaus, o governo enviou a cloroquina ao estado, medicamento sem

---

<sup>32</sup> 'Acabou a matéria do Jornal Nacional', diz Bolsonaro sobre atrasos na divulgação de mortos por coronavírus. G1. 2020. <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/06/05/dados-do-coronavirus-bolsonaro-defende-excluir-de-balanco-numero-de-mortos-de-dias-anteriores.ghtml> Acesso em 10/07/2022.

<sup>33</sup> Consórcio de mídia se diz independente, mas depende de 27 governos locais. Poder 360. <https://www.poder360.com.br/midia/consorcio-de-midia-se-diz-independente-mas-depende-de-27-governos-locais/> Acesso em 10/07/2022.

<sup>34</sup> Deisy Ventura no Entre Vistas - Uma política de morte. Rede TV T. 2021. <https://www.youtube.com/watch?v=byE6Sc7o5D8> Acesso em 31/07/2022.



comprovação científica para a Covid-19. O auxílio emergencial criado contra a vontade do Presidente e tardiamente, obrigou milhares de pessoas a se exporem ao vírus. No livro do ex-ministro Mandetta cita-se que o presidente nunca acreditou de verdade no “Kit Covid-19”. Portanto, seja através de normas, falas ou medicamentos o Presidente agiu de forma deliberada e intencional para promover a necropolítica.<sup>35</sup> Esse conceito foi forjado por Achille Mbembe e tem que ver com os Estados modernos e neoliberais ao empreenderem políticas de morte a determinados grupos na sociedade.

Uma reportagem da BBC NEWS Brasil de julho de 2020<sup>36</sup> relembra algumas frases do presidente da República sobre o vírus, ditas no início de março de 2020, quando o chefe do Executivo acusava a mídia de estar superdimensionando o poder de destruição do vírus. Em 24 de março, o presidente comparou o vírus a uma “gripezinha” e na mesma ocasião criticou o fechamento de escolas e comércios, quando o país registrava 47 mortes pelo vírus<sup>37</sup>. Ainda em março, Bolsonaro se posicionou contra o isolamento social, segundo o mesmo, teríamos que enfrentar o vírus “como homem”.

Em junho, numa conversa com apoiadores em frente ao Palácio da Alvorada, o presidente mandou uma mulher “cobrar do governador”, quando questionado sobre o número de brasileiros mortos pela covid-19. Pelo Twitter, o presidente ressaltava: “lembro à Nação que, por decisão do STF, as ações de combate à pandemia (fechamento do comércio e quarentena, p.ex.) ficaram sob total responsabilidade dos governadores e dos prefeitos”.

Nas frases acima, enunciadas por Bolsonaro, fica evidente o *modus operandi* de sua política de enfrentamento à Covid-19, qual seja, o negacionismo! O presidente, num primeiro momento, minimizava o vírus, depois tentava a todo custo empurrar a hidroxicloroquina, mesmo não sendo médico, nem o suposto medicamento ter comprovação científica de que funcionava para pessoas com covid-19. Em outras palavras, o poder executivo promovia uma política de morte deliberada e consciente, além de criticar e se opor a tudo e todos que tentavam se movimentar para impedir a disseminação do vírus. Foi nesse cenário que Estados e municípios começaram a fazer por conta própria suas medidas restritivas. O país se encontrava sem estratégia coordenada e unificada de combate à pandemia.

Um país de dimensões continentais como o Brasil sem uma coordenação nacional, onde cada um adotaria determinada estratégia, as chances de sucesso se tornaram reduzidas.

---

<sup>35</sup> MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. São Paulo: N-1 Edições, 2019. 4ª reimpressão (livro completo).

<sup>36</sup> Relembre frases de Bolsonaro sobre a covid-19. BBC NEWS BRASIL. 2020. <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53327880> Acesso em 10/06/2022.

<sup>37</sup> Casos de coronavírus no Brasil em 24 de março. G1. 2020. <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/24/casos-de-coronavirus-no-brasil-em-24-de-marco.ghtml> Acesso em 10/06/2022.

O abre e fecha de estabelecimentos comerciais, a partir de restrições em alguns Estados, assim como as medidas de distanciamento social e *lockdown*, revoltaram Bolsonaro. Em abril, o Supremo Tribunal Federal<sup>38</sup> referendou por unanimidade a competência dos Estados e municípios para tomar medidas com o objetivo de conter a pandemia do Coronavírus, uma vez que, pela Constituição Federal, estes entes da Federação podem determinar quarentenas, isolamento, restrição de atividades, sem que a União possa interferir no assunto.

O Consórcio Nordeste<sup>39</sup> desde o início da pandemia mostrou-se um importante mecanismo de atuação conjunta entre os governadores do nordeste nas medidas de enfrentamento a Covid-19, na ausência de uma coordenação nacional, a adoção de medidas compartilhadas por uma região inteira demonstrou que teria sido possível um esforço nacional, caso fosse de interesse do presidente. Os governadores priorizaram a adoção de medidas com base nas melhores evidências científicas, na implementação de medidas preventivas e restritivas, bem como na ampliação da capacidade de oferta de leitos de UTI, visando impedir o colapso da rede hospitalar dos nove Estados da Região, tudo com o objetivo de salvar vidas humanas.

Na CPI da Covid-19 governistas acusaram o Consórcio de corrupção na compra de respiradores,<sup>40</sup> em resposta,<sup>41</sup> o Consórcio argumentava que com a ausência de produção nacional e sem a devida coordenação nacional, as aquisições realizadas diretamente por Estados e Municípios sujeitavam-se aos riscos e às condições impostas pelo mercado internacional, como a antecipação do pagamento, a assunção de risco cambial, a inclusão de custos com transporte e seguros, além da alteração substancial dos preços praticados. Ainda segundo o Consórcio, quando o descumprimento do contrato ficou evidente (os 300 respiradores nunca foram entregues) o Consórcio Nordeste comunicou o fato à autoridade policial que instaurou Inquérito, que culminou com a prisão e o bloqueio dos bens dos empresários.

---

<sup>38</sup> STF reafirma competência de estados e municípios para tomar medidas contra Covid-19. Jota.Info. 2020. <https://www.jota.info/stf/do-supremo/stf-reafirma-competencia-de-estados-e-municipios-para-tomar-medidas-contra-covid-19-15042020> Acesso em 10/06/2022.

<sup>39</sup> Consórcio Nordeste é uma autarquia interfederativa instituída pela congregação dos estados de Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe

<sup>40</sup> Consórcio Nordeste causou prejuízo de quase R\$ 50 milhões com compra de respiradores fantasmas. Revista Oeste. 2021. <https://revistaoste.com/politica/consorcio-nordeste-causou-prejuizo-de-quase-r-50-milhoes-com-compra-malsu-cedida-de-respiradores/> Acesso em 31/07/2022.

<sup>41</sup> Nota do Consórcio Nordeste sobre a aquisição de ventiladores. [PT.ORG.BR](https://pt.org.br/nota-do-consorcio-nordeste-sobre-a-aquisicao-de-ventiladores/). 2021. <https://pt.org.br/nota-do-consorcio-nordeste-sobre-a-aquisicao-de-ventiladores/> Acesso em 31/07/2022.

O Maranhão em 05 de maio de 2020 tornava-se o primeiro Estado a determinar um *lockdown*<sup>42</sup> no Brasil e ainda no mês de maio várias outras cidades e Estados também adotaram essa medida. O bloqueio total é uma maneira extrema adotada para tentar evitar o colapso da saúde em um determinado lugar, em tese essa restrição de circulação evita o contágio, ou ao menos reduz a velocidade de contaminação. Por outro lado, os prejuízos econômicos podem ser incalculáveis, haja vista que apenas os serviços essenciais podem funcionar. Entretanto, vidas humanas precisam ser cuidadas.

O fechamento de uma cidade ou Estado envolve toda a dinâmica da vida em sociedade, no Maranhão, por exemplo, observou-se que o *lockdown* funcionou nos centros comerciais, enquanto nas periferias surtiu pouco efeito. Uma das questões mais delicadas de um fechamento total em um Estado como o Maranhão era a dimensão social: como as pessoas ficariam em casa sem renda, sem alimento, se não houvesse políticas públicas que garantissem a sua sobrevivência? O referido Estado, segundo o IBGE (2019), tinha 50% da população vivendo na pobreza e 60% na informalidade. Havia um dilema distópico nessa situação muito difícil de equacionar, de um lado o Estado que determinava ficar em casa para evitar uma catástrofe no sistema de saúde, de outro as necessidades básicas humanas de se alimentar, de sair de casa para garantir o pão de cada dia.

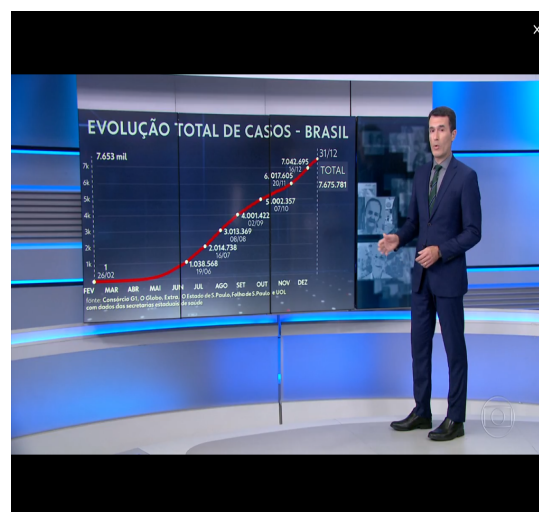
As discussões políticas para amenizar os efeitos da pandemia e oferecer assistência básica aos mais atingidos naquele momento de emergência sanitária eram lentas, contudo em fins de março de 2020, o Congresso aprovava o Auxílio Emergencial<sup>43</sup> no valor de R\$600,00 para famílias de baixa renda. O objetivo era o de que o auxílio durasse três meses, podendo ser prorrogado. A expectativa era a de que beneficiasse até 30 de milhões de cidadãos, ou seja, cerca de 14% da população brasileira, segundo o IBGE, e a estimativa de seu custo era de R\$ 59,9 bilhões em 2020 — o equivalente a 0,8% do Produto Interno Bruto (PIB) do país no ano passado.

---

<sup>42</sup> Lockdown no Maranhão: como foi o primeiro estado a implementar a medida. Politize. 2020. <https://www.politize.com.br/lockdown-no-maranhao/> Acesso em 10/06/2022.

<sup>43</sup> O Auxílio Emergencial aprovado pelo Congresso Nacional e sancionado pela Presidência da República era um benefício para garantir uma renda mínima aos brasileiros em situação mais vulnerável durante a pandemia do Covid-19 já que muitas atividades econômicas foram gravemente afetadas pela crise. O Auxílio Emergencial se encerraria em julho/2020, mas foi prorrogado até outubro, com os mesmos valores para as parcelas. Ele foi pago em cinco parcelas de R \$600,00 ou R \$1,2 mil para mães chefes de família monoparental e, depois, estendido até 31 de dezembro de 2020 em até quatro parcelas de R\$300,00 ou R\$600,00 cada. Neste ano, a nova rodada de pagamentos previa parcelas de R\$150,00 a R\$ 375,00, dependendo do perfil do beneficiário.

Figura 5 - Brasil, 31 de dezembro de 2020.



Fonte: Brasil registra 1.036 mortes por coronavírus; total chega a 194.976 óbitos. G1. 2020. <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/12/31/casos-e-mortes-por-coronavirus-no-brasil-em-31-de-dezembro-segundo-consorcio-de-veiculos-de-imprensa.ghtml> Acesso em 10/06/2022.

O Brasil em 31 de dezembro de 2020 registrava 1036 mortes pela covid-19.<sup>44</sup> O total de brasileiros que perderam a vida para a doença até esta data era de 194.976, e mais de 7 milhões de casos confirmados desde o início da pandemia. Na imagem 05 a linha vermelha evidencia a rápida disseminação do vírus no país, contudo o que mais chama atenção é o tempo de duração do platô de mortes, ou seja, uma certa estabilidade no número de mortes. O primeiro ponto que observamos é de que o isso acontece em número elevado de mais ou menos mil mortes por dia, e, em segundo, o tempo que a curva se mantém até começar cair esse número foram quase 3 meses registrando uma média de mil mortes por dia, enquanto em outros países esse platô ocorreu com um número menor de mortes e por menos tempo. O país pagou um alto custo humano pela forma política negacionista empreendida pelo governo Bolsonaro no enfrentamento à pandemia, quase 700 mil vidas perdidas. Foram 667 mil entre

<sup>44</sup> Brasil registra 1.036 mortes por coronavírus; total chega a 194.976 óbitos. G1. 2020. <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/12/31/casos-e-mortes-por-coronavirus-no-brasil-em-31-de-dezembro-segundo-consorcio-de-veiculos-de-imprensa.ghtml> Acesso em 10/06/2022.



## CAPÍTULO II

### 2. História das doenças e a política de morte de Bolsonaro

Castro Gomes,<sup>47</sup> em seu texto sobre uma história "brasileira" das doenças, diz que pode parecer um título pretensioso, devido a termos pouca tradição de pesquisa na área. No entanto, tem sido notável o avanço da historiografia das doenças e, de modo geral, da historiografia da saúde, no Brasil. Nos interessa especificamente a análise do autor sobre as epidemias, na qual menciona as principais referências no campo de estudo desta temática no Brasil, entre estas, Tânia Salgado Pimenta, em *Doses Infinitesimais contra a Epidemia de Cólera em 1855*, no Brasil; Ricardo Augusto dos Santos, em *Representações Sociais da Peste e da Gripe Espanhola*, um contraponto à peste negra europeia; Anny Jackeline Torres da Silveira, em *A Crônica da Espanhola em Belo Horizonte*, que realça as distintas e por vezes contraditórias racionalidades da fé e da ciência que presidiam o dia-a-dia da população atemorizada pela epidemia; Liane Maria Bertucci-Martins, em *Gripe Espanhola, da Casa ao Hospital*, estudo que contempla a capital paulista; Ricardo Augusto dos Santos e Luiz Antônio Teixeira, ambos pesquisadores da Casa de Oswaldo Cruz e do grupo de pesquisa História das Ciências e da Saúde; a pesquisa sobre a epidemia na Bahia, desenvolvida por Christiane Maria Cruz de Souza. Salta aos olhos, para os estudiosos da Primeira República, a distância entre as medidas sanitárias que alcançaram alguma redução da mortalidade ou da morbidade, como ocorreu com a varíola e a raiva e, por outro lado, a ineficácia institucional no combate à gripe espanhola.

Segundo as autoras de “A Bailarina da Morte. A gripe Espanhola no Brasil”, Lilia Moritz Schwarcz e Heloisa Murgel Starling,<sup>48</sup> as pandemias geralmente vêm em ondas, portanto, isso não seria uma novidade na história de crises sanitárias. A pandemia da Espanhola, por exemplo, assolou o mundo em três grandes ondas, sendo a primeira no início de 1918, a segunda no fim do mesmo ano e a terceira durante 1919 e início de 1920. No

---

<sup>47</sup> Castro-Santos, Luiz Antonio de. Uma história brasileira das doenças. Cadernos de Saúde Pública [online]. Maio, 2006, v. 22, n. 6, pp. 1350-1354. ISSN 1678-4464. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-311X2006000600025>> [Acesso em 31 julho 2022].

<sup>48</sup> SCHWARCZ, Lilia; STARLING, Heloísa. A Bailarina da Morte. A gripe Espanhola no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

tempo da Espanhola o vírus chegou ao Brasil a bordo do navio Demerara, em setembro de 1918, quando desembarcou em Recife e de lá seguiu rota tanto pelo litoral primeiramente, haja vista que o navio atracou em vários portos, como Salvador, Rio de Janeiro, e depois pelas estradas de ferro rumo ao interior do país.

Schwarz e Starling fazem um esforço em plena pandemia de Covid-19 para contar a história de uma outra pandemia, a da gripe Espanhola, reconhecem que os dados disponíveis são escassos e que muito pouco se produziu sobre a gripe espanhola, chegam a apontar que, talvez aquela geração gostaria mesmo de esquecer, tendo em vista que entre 1914-1918 tinha ocorrido a Grande Guerra. Vale lembrar ainda que esta guerra encerrou um período de extrema euforia no progresso, na ciência e na prosperidade, a Belle Époque chegava ao fim.

No tempo da Espanhola, o cenário brasileiro era outro, o país era uma recém república, com uma grande população de ex-escravizados largados à própria sorte depois da Lei Áurea, além de uma população pobre amontoada em cortiços nos centros das principais cidades brasileiras, que sofriam constantemente de doenças. O ideário europeu de Belle Époque ecoou por aqui e as autoridades mandaram demolir os cortiços e expulsaram os mais pobres para as periferias, o modelo europeu de grandes e largas avenidas pode ser encontrado em várias cidades do Brasil.

Naquele tempo não havia SUS, este foi criado apenas em 1988, com a Constituição Cidadã, a ciência apenas desconfiava da existência de seres unicelulares que causam doenças, logo não tinha como desenvolver vacina. Associado a este cenário tinha-se autoridades que negavam a existência de uma gripe letal, a imprensa e os médicos apresentavam posicionamentos conforme seus próprios interesses. A população tomava qualquer coisa que indicavam para a gripe, desde cachaça com limão fazendo com que o preço do limão disparasse à época, até quinino, um remédio preventivo, equivalente a hidroxicloroquina de nosso tempo.

Da época da gripe Espanhola para os acontecimentos relacionados à pandemia da Covid-19, muitas coincidências podem ser comprovadas. Ao refletirmos sobre as recorrências e permanências de certos fenômenos históricos, nos baseamos em Deisy Ventura<sup>49</sup> e sua pesquisa acerca do posicionamento dos poderes públicos frente às pandemias. Seu texto “A linha do tempo da estratégia federal de disseminação da Covid-19”, de 2021, comprova que o presidente Jair Bolsonaro agiu de forma deliberada para promover uma política da morte. A cientista argumenta que o mesmo fez isso através de falas, normas, propaganda e

---

<sup>49</sup> VENTURA, Deisy, AITH, Fernando, REIS, Rossana et al. “A linha do tempo da estratégia federal de disseminação da Covid-19”. São Paulo: CEPEDISA/USP, 2021.

medicamentos sem eficácia comprovada. Segundo Ventura, pode-se verificar esta assertiva na:

1 - Defesa da tese da imunidade de rebanho (ou coletiva) por contágio (ou transmissão) como forma de resposta à Covid-19, disseminando a crença de que a “imunidade natural” decorrente da infecção pelo vírus protegeria os indivíduos e levaria ao controle da pandemia, além de estimativas infundadas do número de óbitos e da data de término da pandemia;

2- Incitação constante à exposição da população ao vírus e ao descumprimento de medidas sanitárias preventivas, baseada na negação da gravidade da doença, na apologia à coragem e na suposta existência de um “tratamento precoce” para a Covid-19, convertido em política pública;

3 - Banalização das mortes e das sequelas causadas pela doença, omitindo-se em relação à proteção de familiares de vítimas e de sobreviventes, propalando a ideia de que faleceriam apenas pessoas idosas ou com comorbidades, ou pessoas que não tivessem acesso ao “tratamento precoce”;

4 - Obstrução sistemática às medidas de contenção promovidas por governadores e prefeitos, justificada pela suposta oposição entre a proteção da saúde e a proteção da economia, que inclui a difusão da ideia de que medidas quarentenárias causam mais danos do que o vírus, e que elas é que causariam a fome e o desemprego, e não a pandemia;

5 - Foco em medidas de assistência e abstenção de medidas de prevenção da doença, amiúde adotando medidas apenas quando provocadas por outras instituições, em especial o Congresso Nacional e o Poder Judiciário;

6 - Ataques a críticos da resposta federal, à imprensa e ao jornalismo profissional, questionando sobretudo a dimensão da doença no país; e

7 - Consciência da irregularidade de determinadas condutas mormente por parte do Presidente da República, que, por exemplo, reiteradas vezes refere “aquilo que eu mostrei para a ema”, em lugar da referência explícita à cloroquina, mas também por parte de outras autoridades como denota, por exemplo, o comportamento do então Ministro da Saúde ao fazer referência ao “atendimento precoce” em lugar do “tratamento precoce”.<sup>50</sup>

Segundo matéria do *Correio da Cidadania*, o trabalho coordenado por Deyse Ventura, com 200 páginas, “coletou as normas federais e estaduais relativas à Covid-19 e avaliou o seu impacto sobre os direitos humanos no Brasil”.<sup>51</sup> O documento é composto de duas partes principais: o relatório, que apresenta a metodologia e a síntese dos resultados do estudo; e a linha do tempo, que apresenta a sistematização dos dados coletados. A proposta dos autores do documento, uma equipe interdisciplinar com competências nas áreas de Saúde Pública,

<sup>50</sup> EcoDebate. Site de informações, artigos e notícias socioambientais.

<https://www.ecodebate.com.br/2021/06/19/covid-19-e-a-intencionalidade-do-governo-federal-na-pandemia/>.

Acesso em 30/07/2022.

<sup>51</sup> EcoDebate. Site de informações, artigos e notícias socioambientais.

<https://www.ecodebate.com.br/2021/06/19/covid-19-e-a-intencionalidade-do-governo-federal-na-pandemia/>.

Acesso em 30/07/2022.



Direito, Ciência Política e Epidemiologia, era a de verificar o quanto a estratégia de disseminação da Covid-19, promovida de forma sistemática em âmbito federal, estava em curso no Brasil.

## 2.1. A Necropolítica - “Hospitais como câmaras de asfixiamento”

Figura 6- Segunda onda da Covid-19 chega ao Brasil



Fonte: Tempos de guerrilha. Correio Braziliense. 2020. <https://blogs.correiobraziliense.com.br/aricunha/tempos-de-guerrilha/> Acesso em 30/06/2022.

Poderia se questionar o que aprendemos com a Espanhola ou até mesmo com ano de 2020 com a Covid-19 para enfrentar a pandemia do Coronavírus, haja vista que em 2021 começava com crescimento no número de casos e mortes. Seria uma nova onda que estava chegando? As *ondas* são caracterizadas pelo aumento do número de infecções, podem estar relacionadas com novas cepas do vírus ou também ao descumprimento de regras de distanciamento social, uso de máscara e de álcool em gel e das medidas de prevenção da Covid-19.

A questão é que diferentemente de um século atrás da Espanhola, o Brasil da Covid-19 tem um robusto sistema de saúde pública, um dos maiores sistemas de imunização do mundo, universidades que poderiam desenvolver imunizantes e ou testes caso houvesse

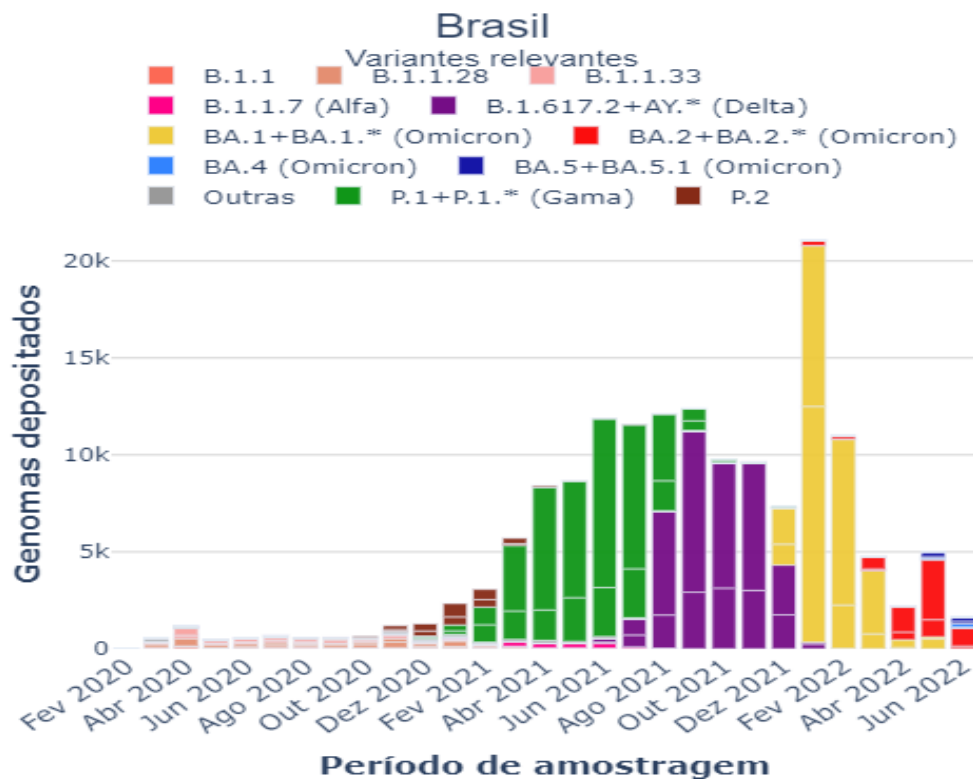
investimento em ciência no país, um Ministério da Saúde que poderia coordenar um esforço nacional com os demais entes federados para conter o vírus, e nada disso foi mobilizado. O presidente da República, Jair Bolsonaro, reiteradas vezes empreendeu ataques à ciência, à imprensa, ao SUS, ao STF e aos governadores ou qualquer outro que buscasse meios de conter a contaminação da população pelo vírus, este tinha um aliado ocupando a cadeira do executivo no Brasil, e isso explica por que o país tem menos de 3% da população do planeta e mais de 12% do total de vítimas da Covid-19.<sup>52</sup>

No Brasil faltou respirador, UTI, oxigênio e um presidente, aliás, este que ocupa o executivo atualmente, por sua vez, trabalhou incessantemente contra as medidas de prevenção ao vírus, criticou e atacou qualquer estratégia de contenção de contaminação da população. Defendeu abertamente o tratamento precoce com o “kit covid”, incentivou a invasão de hospitais de campanha a fim de filmar e provar que aqueles estavam vazios e que a mídia estava mentindo sobre o colapso do sistema de saúde. Não agilizou a compra de vacinas por questões ideológicas, alegando que a “vacina chinesa” não era segura. Sempre colocou a questão da economia acima da vida da população, desrespeitou as regras de distanciamento social e o uso de máscaras repetidas vezes (ficou célebre a imagem do presidente tirando a máscara de uma criança em meio a um comício lotado), incentivou aglomerações e espalhou fake news em larga escala, tudo isso resultou em milhares de vidas perdidas.

---

<sup>52</sup> Como o Brasil se compara a outros países em mortes por Covid, casos confirmados e vacinas aplicadas. G1. 2021. <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/10/08/como-o-brasil-se-compara-a-outros-paises-em-mortes-por-covid-casos-confirmados-e-vacinas-aplicadas.ghtml> Acesso em 15/06/2022.

Figura 7- Variantes da Covid-19 no Brasil



Fonte: Variantes da Covid-19 no Brasil. Genomahcov. Fiocruz. 2022. <https://www.genomahcov.fiocruz.br/dashboard/> Acesso em 15/06/2022.

É importante, antes de analisar o gráfico acima, esclarecer que a doença, o vírus e suas mutações, sofreram alterações nos seus nomes ao longo da pandemia, haja vista que em relação ao vírus o nome é dado pelo Comitê Internacional de Taxonomia de Vírus - ICTV, que, em 11 de fevereiro de 2020, batizou o vírus desconhecido como “síndrome respiratória aguda grave 2” (Sars-CoV-2). Já a doença causada pelo vírus compete à OMS nominar, que na mesma data apresentou o nome “doença do Coronavírus” (Covid-19).

As mutações do vírus, ou seja, as variantes foram em um primeiro instante nomeadas com nomes científicos, a exemplo da variante (P.1) no Brasil, mas em maio de 2021 a OMS e o ICTV, após longos debates sobre como nomear as variantes, acordaram denominar as mutações pelo nomes de letras do alfabeto grego, e a partir de então têm-se B.1.1.7 (Reino Unido):Alpha; B.1.351(África do Sul): Beta; P.1 (Brasil): Gamma; B.1.617.2 (Índia): Delta.

O objetivo dessa mudança de nomes era primeiramente simplificar o debate público sobre as variantes e evitar qualquer estigmatização aos países onde essas cepas foram identificadas.

O gráfico sobre as variantes ilustra as mutações do vírus no Brasil, onde pode-se observar que o ano de 2021 foi afetado fortemente pela variante Gama,<sup>53</sup> que foi identificada em novembro de 2020 em Manaus. Logo se revelava mais transmissível e letal que outras variantes no país. No fim daquele ano o número de casos e mortes cresceu vertiginosamente.

Para acompanhar a evolução da pandemia, os pesquisadores desenvolveram um número de *reprodução básico* (Rt) que indica tendência de contaminação futura da doença, o cálculo leva em consideração para quantas pessoas um indivíduo contaminado transmite a doença, quando o índice Rt está acima de 1, significa que a doença está em expansão, abaixo de 1 que está controlada, a partir disso foi possível verificar que o pico da primeira onda no país ocorreu entre os meses de julho e setembro de 2020. Contudo, a partir de novembro observou-se um aumento da taxa Rt, e isso se constatou nas semanas seguintes no número de casos e mortes que cresceram assustadoramente, colapsando o Sistema Único de Saúde, com hospitais lotados e filas para UTI's.<sup>54</sup>

Figura 8- Manaus em colapso



Fonte: Crise do oxigênio no Amazonas completa um ano com impunidade e incerteza causada pela ômicron. G1. 2022.

<https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2022/01/14/crise-do-oxigenio-no-amazonas-completa-um-ano-com-impunidade-e-incerteza-causada-pela-omicron.ghtml> Acesso em 15/06/2022.

<sup>53</sup> Variante Gama é mais agressiva, mas pode ser contida com vacina e lockdown. Uol. 2021. <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2021/08/06/variante-gama-e-mais-agressiva-mas-pode-ser-contida-com-vacina-e-lockdown.htm> Acesso em 15/06/2022.

<sup>54</sup> SANTOS, Vanessa Sardinha dos. Segunda onda de covid-19 no Brasil. Brasil Escola. 2022. <https://brasilecola.uol.com.br/doencas/segunda-onda-de-covid-19-no-brasil.htm> Acesso em 15/06/2022.

A variante Gama em pouco tempo impulsionou a segunda onda no país que teve seu pico entre janeiro e fevereiro de 2021,<sup>55</sup> ainda em fins de dezembro de 2020 o número de casos e mortes era muito alto em Manaus, no Amazonas, devido à situação dramática no sistema de saúde, o governador Wilson Lima decreta em 26 de dezembro toque de recolher no estado com fechamento total do comércio, tal medida gerou revolta de comerciantes contrários a regras restritivas impostas levando o governador a ceder às pressões e flexibilizar as medidas no fim de ano, as mesmas são restabelecidas apenas no início de janeiro, por medida judicial.

Nos dias 14 e 15 de janeiro de 2021, o caos se instalou em Manaus, os hospitais estavam superlotados e o oxigênio havia acabado, o sistema de saúde colapsou e os pacientes passaram a morrer por falta de oxigênio. Os relatos de médicos e enfermeiros desesperados pedindo ajuda, expondo que pacientes estavam morrendo sufocados chocou a todos. Manaus é o retrato mais fiel da forma como se lidou com a pandemia no Brasil. Haja vista que, primeiramente se ignorou os riscos de uma segunda onda aqui, embora já havia tido na Europa, depois reforçou-se a falsa dicotomia entre economia e vida, como se existisse a primeira sem a segunda. Em Manaus, o governador decretou fechamento total, os comerciantes se revoltaram e fizeram várias manifestações pela reabertura do comércio, o governo flexibilizou as medidas e o resultado foi que em poucos dias o estado vivenciou o caos completo. Ainda poderíamos pensar em outro ponto, será que ninguém percebeu que a demanda de oxigênio estava crescendo, a questão é: a tragédia de Manaus poderia ter sido evitada?

Foram sessenta e uma vítimas de sufocamento por falta de exigência, trinta só em Manaus, e trinta e uma no restante do estado, os hospitais do Amazonas viraram “câmaras de sufocamento”, a falta do insumo tão vital aos pacientes internados com Covid-19 simplesmente havia acabado. As autoridades se esquivarem de qualquer responsabilidade, o presidente da República declarou que não era responsável por mandar oxigênio para Manaus. A empresa responsável pelo fornecimento do insumo alegou que a demanda havia aumentado seis vezes nas últimas semanas e que sua capacidade de produção era inferior à demanda daquele momento. A solidariedade de artistas e famosos fez a diferença no dramático episódio, muitos doaram oxigênio para a capital amazônica e colaboraram para amenizar a tragédia.

---

<sup>55</sup> Crise do oxigênio no Amazonas completa um ano com impunidade e incerteza causada pela ômicron. G1. 2022.

<https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2022/01/14/crise-do-oxigenio-no-amazonas-completa-um-ano-com-impunidade-e-incerteza-causada-pela-omicron.ghtml> Acesso em 15/06/2022

Manaus teria sido um experimento de imunidade de rebanho? Essa pergunta é uma das que norteia esta monografia como hipótese possível para comprovar a política da morte do governo Bolsonaro, todavia vale mencionar alguns elementos que cercam essa tragédia e podem em alguma medida levantar tal hipótese. A empresa White Martins que fornecia o insumo para o estado do Amazonas, a partir de documentos obtidos pela CPI da Covid, mostrou que em 16 de julho de 2020 a referida empresa encaminhou carta ao governo do Amazonas indicando que o estoque de oxigênio da empresa não suportaria um colapso na saúde pública, exatamente o que ocorreu em janeiro de 2021. Em 8 de janeiro, segundo a PGR, o Ministério da Saúde foi informado sobre a iminente falta de oxigênio pela empresa, contudo o Ministério estava engajado na época em sugerir a criação de tendas para indicar remédios sem eficácia contra a Covid. O presidente da República, defensor da imunidade de rebanho,<sup>56</sup> por meio de medicamentos sem eficácia comprovado (kit covid), e alinhado com o governador Wilma Lima, do Amazonas, colocaram a questão econômica acima da vida, expuseram os manauaras ao contágio da covid e não se mobilizaram, mesmo na tragédia de falta de oxigênio, para socorrer a população.

Figura 9- Covas abertas no cemitério da vila Formosa em São Paulo



31 de março - Vista aérea de funcionários cavando túmulos no cemitério da Vila Formosa, em São Paulo — Foto: Nelson Almeida/AFP

Fonte: Prefeitura de SP nega que covas em cemitério da Vila Formosa foram abertas por causa de vítimas de coronavírus. G1. 2020.  
<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/04/03/prefeitura-de-sp-nega-que-covas-foram-abertas-por-causa-de-vitimas-de-coronavirus-em-cemiterio-da-vila-formosa-na-zona-leste.ghtml> Acesso em 15/06/2022.

<sup>56</sup> Bolsonaro usou Amazonas para ‘experiências’ de imunidade de rebanho e cloroquina, diz vice-governador. Rede Brasil Atual. 2021.  
<https://www.redebrasilatual.com.br/saude-e-ciencia/2021/05/bolsonaro-usou-amazonas-para-experiencias-de-imunidade-de-rebanho-e-cloroquina-diz-vice-governador/> Acesso em 15/06/2022.

A imagem acima estampou a capa do jornal norte-americano “The Washington Post” na quinta-feira, 2 de abril,<sup>57</sup> na foto é possível perceber um grande número de covas abertas no cemitério da vila Formosa em São Paulo. Ao ser questionado sobre a manchete, o prefeito Bruno Covas (PSDB), alegou ser um procedimento rotineiro que poderia ser visto todo ano em cemitérios municipais devido ao término do período de chuvas, onde se prepara o cemitério para todo o ano. O presidente Jair Bolsonaro também se manifestou classificando o caso de “sensacionalismo” por parte do prefeito, que nas palavras do presidente era “coladaço” de João Doria, então governador de São Paulo, seu atual rival, antes seu aliado. Doria não seguiu a cartilha negacionista de Bolsonaro e a aliança entre os dois ruiu.

Na manchete do jornal norte americano, junto à imagem do cemitério, informava-se que o “contágio pode esmagar o mundo em desenvolvimento” e que “os países do Hemisfério Sul demoraram a reagir”, dizia, ainda, que o presidente do Brasil chamou o surto de “fantasia”. A publicação também salientou que os coveiros usavam roupas de proteção especial para não se contaminarem pelo vírus.

Apesar das alegações das autoridades de que o grande número de covas abertas nada tinha a ver com o momento pandêmico, a imagem do maior cemitério público do Brasil com tantas covas abertas denunciava aquilo que a Secretaria de Saúde do Estado de São Paulo registrou na sexta-feira, 3 de abril: 219 mortes relacionadas ao novo Coronavírus. O número era três vezes maior que o da sexta-feira anterior (68 mortes). Os casos confirmados também quadruplicaram, saltando de 1.223 para 4.048.

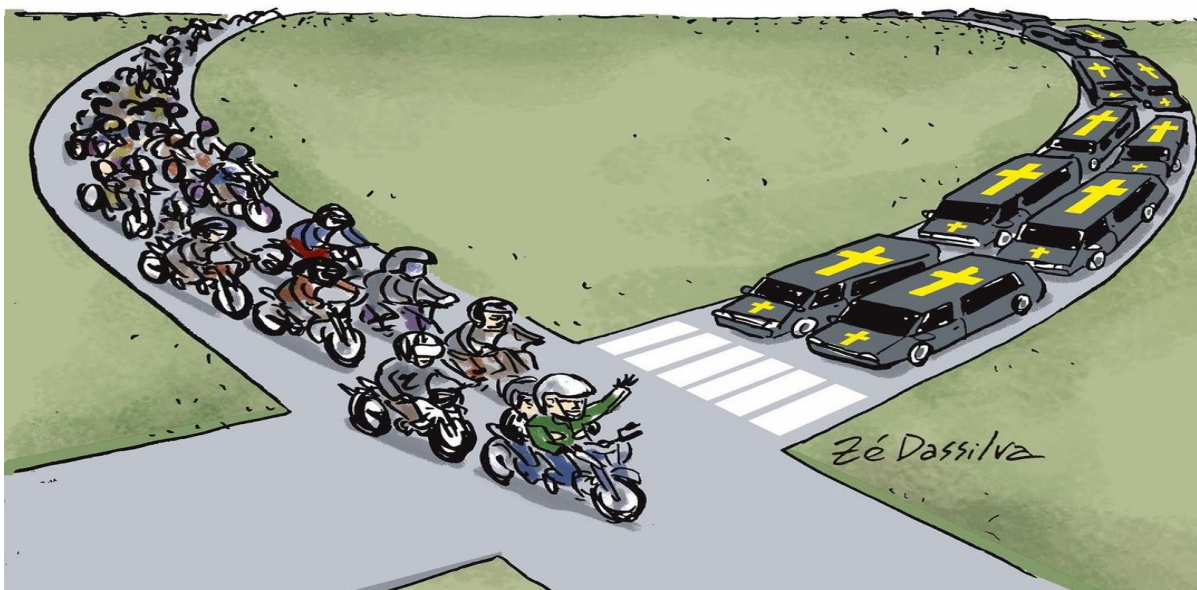
A causa da morte determinava o tipo de cerimônia que as pessoas podiam fazer em cemitérios na capital paulista em meio à pandemia do Coronavírus. Nas mortes por quase todos os tipos de doenças, o velório poderia durar, no máximo, uma hora. Se o corpo fosse de uma vítima de Covid-19, ou se houvesse apenas suspeita indicada, no atestado de óbito, o velório só poderia durar 10 minutos, com um número reduzido de familiares do morto.

---

57

<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/04/03/prefeitura-de-sp-nega-que-covas-foram-abertas-por-causa-de-vitimas-de-coronavirus-em-cemiterio-da-vila-formosa-na-zona-leste.ghtml> Acesso em 15/06/2022

Figura 10 - Trânsito pesado



Fonte: Charge “trânsito pesado” do cartunista Zé Dassilva é eleita a vencedora do prêmio Vladimir Herzog. Acontecendo Aqui. 2021. <https://acontecendoaqui.com.br/comunicacao/charge-transito-pesado-do-cartunista-ze-dassilva-e-eleita-vencedor-a-do-premio-de/> Acesso em 10/07/2022.

A charge “trânsito pesado”, do cartunista Zé Dassilva, venceu o prêmio de melhor arte do 43º Prêmio Jornalístico Vladimir Herzog<sup>58</sup> de Anistia e Direitos Humanos.<sup>59</sup> O ano de 2021 foi o mais mortal da Covid-19 no Brasil, segundo o portal de notícias G1.<sup>60</sup> Até outubro, o país somava mais de 405 mil vítimas da pandemia, este número era maior do que o dos EUA (355 mil), da Índia (300 mil) e quase o mesmo que todos os 27 países da União Europeia somados (407 mil).

Em nenhum outro lugar no mundo morreram mais pessoas de Covid-19 que no Brasil no ano de 2021, que em 08 de outubro, batia a trágica marca de 600 mil vidas perdidas para a doença. Foi nesse contexto que o presidente da República promovia suas “motociatas”. Estas aconteceram em várias capitais e cidades brasileiras ao longo de 2021, gerando aglomeração, e desrespeito às medidas de distanciamento social e uso de máscaras. Em alguns lugares,

<sup>58</sup> O Prêmio Vladimir Herzog homenageia anualmente o trabalho de jornalistas, repórteres fotográficos e artistas do traço que, por meio de seu trabalho, defendem a Democracia, a Cidadania e os Direitos Humanos.

<sup>59</sup> Charge “trânsito pesado” do cartunista Zé Dassilva é eleita a vencedora do prêmio Vladimir Herzog. Acontecendo Aqui. 2021. <https://acontecendoaqui.com.br/comunicacao/charge-transito-pesado-do-cartunista-ze-dassilva-e-eleita-vencedor-a-do-premio-de/> Acesso em 10/07/2022.

<sup>60</sup> Mortes por Covid despencam, mas Brasil ainda é o país com mais óbitos do mundo em 2021. G1. 2021. <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/10/08/mortes-por-covid-despencam-mas-brasil-ainda-e-o-pais-com-mais-obitos-do-mundo-em-2021.ghtml> Acesso em 10/07/2022.



como em São Paulo, o presidente foi multado por não usar máscara, no Rio de Janeiro, o presidente atacou governadores em seu discurso.

Segundo levantamento da CNN<sup>61</sup> sobre os custos das “motociatas” de Bolsonaro revelaram valores altíssimos, em torno de 8 milhões de reais custeados com dinheiro público para bancar as “motociatas” do Presidente, enquanto os brasileiros vivenciaram o momento mais dramático da pandemia. Em abril, no pico da segunda onda, o país vivenciava o número de mortes diárias acima de 4 mil,<sup>62</sup> milhares de brasileiros enlutados pela perda de entes, pais, mães, filhos, avós e avôs.

---

<sup>61</sup> Motociata com Bolsonaro nesta sexta deve custar ao menos R\$ 1 milhão aos cofres públicos. CNN Brasil. 2022.

<https://www.cnnbrasil.com.br/politica/motociata-com-bolsonaro-amanha-deve-custar-pelo-menos-r-1-milhao-aos-cofres-publicos/> Acesso em 10/07/2022

<sup>62</sup> Covid-19: Brasil bate recorde com 4.249 mortes registradas em 24 horas. Agência Brasil. 2021. <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2021-04/covid-19-brasil-bate-recorde-com-4249-mortes-registradas-em-24-horas> Acesso em 10/07/2022

## 2.2. Crimes expostos sob milhares de vidas perdidas

Figura 11- Quem tem medo da CPI da Covid-19



Fonte: Quem tem medo da CPI da COvid-19. Brasil 247. 2021. <https://www.brasil247.com/charges/quem-tem-medo-da-cpi-da-covid-19-0p8970in> Acesso em 10/07/2022.

A pandemia de Covid-19 atingiu o Brasil de forma letal, deixando um rastro de mortes e de indignação pelas políticas de governo, empreendidas pelo presidente Bolsonaro no enfrentamento ao vírus. Como já referido neste trabalho, desde o início da pandemia, o poder executivo negou a letalidade do vírus, atacou governos estaduais que tomaram medidas preventivas da doença, promoveu propaganda de medicamentos sem eficácia comprovada, e continuou a fazê-la mesmo após a ineficácia provada cientificamente. O governo agiu deliberadamente contra as medidas restritivas, estas que preservavam a vida, todavia o presidente desde o início se mostrou favorável à "economia" acima de tudo e todos.

O resultado da política de governo do presidente Bolsonaro mostrou-se eficaz em produzir um recorde de mortes, o cenário funesto levou os senadores Alessandro Vieira e Jorge Kajuru a mover ação solicitando abertura de CPI para investigar as omissões do governo. Em 08 de abril, o ministro do Supremo Tribunal Federal (STF), Luís Roberto

Barroso, em liminar, determinou a instalação da CPI, chancelando a decisão em 14 de abril pelo Plenário da Corte.

Em 27 de abril o Senado instala a CPI da Covid, onde são eleitos: Presidente, o Senador Omar Aziz PSD/AM, Relator, o Senador Renan Calheiros MDB/AL e o Vice-presidente, o Senador Randolfe Rodrigues REDE/AP. A CPI da Covid tinha por finalidade:

Apurar, no prazo de 90 dias, as ações e omissões do Governo Federal no enfrentamento da Pandemia da Covid-19 no Brasil e, em especial, no agravamento da crise sanitária no Amazonas com a ausência de oxigênio para os pacientes internados; e as possíveis irregularidades em contratos, fraudes em licitações, superfaturamentos, desvio de recursos públicos, assinatura de contratos com empresas de fachada para prestação de serviços genéricos ou fictícios, entre outros ilícitos, se valendo para isso de recursos originados da União Federal, bem como outras ações ou omissões cometidas por administradores públicos federais, estaduais e municipais, no trato com a coisa pública, durante a vigência da calamidade originada pela Pandemia do Coronavírus "SARS-CoV-2", limitado apenas quanto à fiscalização dos recursos da União repassados aos demais entes federados para as ações de prevenção e combate à Pandemia da Covid-19, e excluindo as matérias de competência constitucional atribuídas aos Estados, Distrito Federal e Municípios.<sup>63</sup>

A CPI de Covid investigou os recursos federais que foram dispensados a estados e municípios, além das omissões do governo no combate à doença. O presidente Bolsonaro queria ampliar a investigação para governadores e prefeitos, todavia o Congresso não tinha competência para criar CPI's sobre assuntos estaduais. A CPI não poderia julgar, nem punir ninguém. O único caso em que é permitido ao colegiado prender alguém é se houver flagrante. Formalmente, o grupo também não pode expedir mandado de busca e apreensão em domicílios, apreender passaporte e determinar a interceptação telefônica. Essas medidas dependem de decisão judicial. A CPI da Covid foi composta de um colegiado de 11 senadores, sendo 3 destes alinhados com o presidente Bolsonaro, 2 senadores de oposição e 6 que se diziam independentes.

---

<sup>63</sup> CPI da Covid-19. Site Oficial do Senado Federal. 2021. <https://legis.senado.leg.br/comissoes/comissao?codcol=2441> Acesso em 20/06/2022

Figura 12- Membros da CPI da Covid-19



Fonte: Saiba quem são os 11 senadores titulares da CPI da Covid. Poder 360. 2021. <https://www.poder360.com.br/congresso/saiba-quem-sao-os-11-senadores-titulares-da-cpi-da-covid/> Acesso em 20/06/2022.

Em 26 de outubro de 2021, o Relatório Final da CPI foi aprovado, o portal de notícias G1 produziu um especial sobre as investigações realizadas, algumas conclusões e a responsabilização pelos crimes cometidos no enfrentamento a Covid-19 no Brasil. Vale desdobrar alguns pontos relevantes sobre questões apuradas pela CPI. O primeiro que selecionamos diz respeito à imunidade de rebanho,<sup>64</sup> defendida inúmeras vezes pelo presidente Jair Bolsonaro, contudo segundo infectologistas e especialistas em Saúde Pública, essa estratégia só é viável por meio da vacinação em massa da população, do contrário, isso significaria expor as pessoas a um vírus letal e infligir um grande número de mortes que poderiam ser evitadas.

De acordo com a projeção de cientistas, a imunidade de rebanho defendida por Bolsonaro poderia representar a morte de 1.8 milhão de pessoas no país, haja vista que 70% da população brasileira seria contaminada. Estudos da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (USP), em parceria com a organização não-governamental Conectas Direitos Humanos, mapeou os atos normativos e a propaganda feita pela administração federal durante a pandemia da Covid-19. O relatório concluiu que o governo “optou por favorecer a livre circulação do novo coronavírus, sob o pretexto de que a infecção naturalmente induziria à imunidade dos indivíduos”.<sup>65</sup>

Outro ponto investigado dizia respeito às vacinas, documentos enviados à CPI apontavam que o governo Bolsonaro havia concentrado esforços na obtenção da cloroquina, ineficaz contra a doença, em vez de priorizar a aquisição de vacinas, isso ficou evidente na demora para fechar contrato com a Pfizer, assim como na paralisação da negociação com o Instituto Butantan sobre a Coronavac, e na compra de menos doses de vacinas do consórcio internacional Covax Facility, além de atraso no recebimento de insumos para produzir imunizantes no Brasil.

A insistência na defesa de remédios comprovadamente sem eficácia contra a Covid resultou na mobilização da diplomacia brasileira para conseguir mais Cloroquina no exterior, além de discussão para alterar e falsificar documentos, a fim de ampliar a distribuição de cloroquina pelo país, e do lançamento da plataforma *TrateCov*, site oficial do Ministério da Saúde, que receitava Cloroquina indiscriminadamente aos pacientes. Por outro lado, em uma atuação atípica em comparação aos demais imunizantes, o governo federal agiu em várias

---

<sup>64</sup> CPI da Covid - Imunidade de rebanho e o caso da Covaxin. G1. 2021. <https://especiais.g1.globo.com/politica/cpi-da-covid/2021/bolsonaro-cpi-da-covid-imunidade-de-rebanho-caso-covaxin/> Acesso em 20/06/2022.

<sup>65</sup> CPI da Covid - Imunidade de rebanho e o caso da Covaxin. G1. 2021. <https://especiais.g1.globo.com/politica/cpi-da-covid/2021/bolsonaro-cpi-da-covid-imunidade-de-rebanho-caso-covaxin/> Acesso em 20/06/2022

frentes para a importação da vacina Covaxin. O Ministério Público Federal (MPF) identificou indícios de crime na compra feita pelo Ministério da Saúde de 20 milhões de doses a um custo de R\$ 1,6 bilhão. Um servidor do Ministério da Saúde relatou ter sofrido pressão dentro da pasta para a importação da Covaxin. O deputado federal Luís Miranda (DEM-DF), que é irmão do servidor, relatou na CPI que havia informado ao presidente da República sobre as suspeitas de fraude.<sup>66</sup>

Após seis meses de trabalho, o relatório aprovado<sup>67</sup> pela CPI da Covid no Senado apontava uma série de condutas do presidente Jair Bolsonaro na condução da crise sanitária que contribuíram para o Brasil atingir a trágica marca de 600 mil mortos pela doença. Para a comissão, Bolsonaro havia praticado os seguintes crimes:

**Crime de responsabilidade** por ter defendido a imunidade de rebanho por contágio, atentando contra o direito à vida e à saúde;

**Incitação ao crime** ao estimular a população a infringir medidas de distanciamento social e incentivar a invasão de hospitais de campanha;

**Emprego irregular de verba pública** ao destinar recursos para a compra de remédios ineficazes;

**Falsificação de documento particular** ao atribuir ao Tribunal de Contas da União (TCU) estudo questionando o número de mortes por Covid em 2020;

**Crimes contra a humanidade** na condução da pandemia;

**Prevaricação** ao não pedir que fosse investigada a suspeita de corrupção na compra da vacina Covaxin;

**Charlatanismo** ao defender o uso de remédios ineficazes contra a Covid;

**Crime de infração de medida sanitária preventiva** ao não usar máscaras em público;

**Crime de epidemia** ao promover aglomerações de pessoas.

As chances de ele sofrer alguma punição, no entanto, são pequenas na avaliação de analistas políticos e juristas. O maior impacto possivelmente será mesmo no campo político, com eventuais reflexos nas urnas em outubro de 2022. Inicialmente, o número total de indiciamentos era de 68, mas, após conversas com os demais integrantes da comissão, o relator, senador Renan Calheiros (MDB-AL), acrescentou outros 12 nomes, totalizando 80 indiciados.

---

<sup>66</sup> CPI da Covid - As lacunas sobre vacina, corrupção, fake news no combate à pandemia. G1. 2021. <https://especiais.g1.globo.com/politica/cpi-da-covid/2021/volta-da-cpi-perguntas-vacina-corrupcao-fake-news/> Acesso em 20/06/2022

<sup>67</sup> CPI da Covid - Relatório Final, os próximos passos jurídicos e os impactos políticos. G1. 2021. <https://especiais.g1.globo.com/politica/cpi-da-covid/2021/cpi-covid-relatorio-final-bolsonaro-outros-investigados/> Acesso em 20/06/2022

Figura 13 - 412 mil vidas perdidas para Covid-19 somente em 2021 no Brasil



Fonte: Brasil encerra 2021 com 412.880 mortes no ano por Covid-19. CNN Brasil. 2021. <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/brasil-encerra-2021-com-412-880-mortes-por-covid-19/> Acesso em 10/07/2022.

O número de 412 mil vidas perdidas para Covid-19, somente em 2021, somadas às vítimas de 2020, gerou no país quase 608 mil óbitos. Abril de 2021 foi o mês mais letal com mais de 80 mil vidas ceifadas pelo vírus, dezembro registrou pouco mais de 4 mil mortes. Em 17 de janeiro de 2021, a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) aprovou o uso emergencial da CoronaVac, possibilitando o início da vacinação contra a Covid-19 no Brasil. A primeira pessoa a ser imunizada foi a enfermeira do Instituto de Infectologia Emílio Ribas Mônica Calazans, de 54 anos.<sup>68</sup>

Em 26 de março de 2021, o Instituto Butantan anunciava o desenvolvimento de uma nova vacina contra a Covid-19, a Butan Vac. O imunizante está sendo feito com insumos totalmente nacionais, a partir da inoculação de ovos embrionados de galinha (mesma tecnologia da vacina da gripe), o que o torna muito seguro e de baixo custo.

Em 28 de dezembro de 2021, o Brasil teve 80% de sua população vacinada com as duas doses da vacina contra Covid-19, número que corresponde a pelo menos 172 milhões de pessoas, com idade acima de 12 anos, segundo o Ministério da Saúde.

<sup>68</sup>Retrospectiva 2021: O segundo ano da pandemia é marcado pelo avanço da vacinação contra Covid-19 no Brasil. Butantan.gov. 2021. <https://butantan.gov.br/noticias/retrospectiva-2021-segundo-ano-da-pandemia-e-marcado-pelo-avanco-da-vacinacao-contra-covid-19-no-brasil> Acesso em 10/07/2022.

Figura 14- E daí?



Fonte: Chargista Duke concorre na categoria arte do Prêmio Vladimir Herzog com trabalho feito no DomTotal. Dom Total. 2020. <https://domtotal.com/noticia/1475719/2020/10/chargista-duke-concorre-na-categoria-arte-do-premio-vladimir-herzog/> Acesso em 10/07/2022.

Em 28 de abril, o presidente Jair Bolsonaro chocou o Brasil, e o mundo, em uma entrevista coletiva, na portaria do Palácio da Alvorada, quando uma repórter o instigou dizendo que o país havia ultrapassado o número de mortos por Covid-19 da China - à época pouco mais de 5 mil mortos. Bolsonaro, então respondeu "E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê? Eu sou Messias, mas não faço milagre", disse, em referência ao próprio sobrenome. A fala do presidente foi retratada pelo chargista Duke no dia seguinte, em sua publicação diária no *Dom Total*. Essa mesma charge concorreu como melhor arte na 42ª edição do Prêmio Vladimir Herzog<sup>69</sup>.

<sup>69</sup>Chargista Duke concorre na categoria arte do Prêmio Vladimir Herzog com trabalho feito no DomTotal. Dom Total. 2020. <https://domtotal.com/noticia/1475719/2020/10/chargista-duke-concorre-na-categoria-arte-do-premio-vladimir-herzog/> Acesso em 10/07/2022



As frases de Bolsonaro sobre pandemia<sup>70</sup> caberiam todas na charge acima referida, haja vista que demonstram claramente sua política de morte e frieza diante de quase 700 mil vidas perdidas para a pandemia<sup>71</sup>. O presidente usou todos os recursos disponíveis para promover de forma deliberada a contaminação da população, incentivou aglomeração, apoiou as manifestações pró abertura do comércio nos momentos mais dramáticos da pandemia, atacou governadores que tomaram medidas restritivas em seus estados para conter a disseminação do vírus, criticou a ciência e os pesquisadores/cientistas, cortou recursos de universidades, não assistiu à população mais vulnerável, fez intensa propaganda de medicamentos sem eficácia comprovada, além de não priorizar a compra de vacinas ainda em 2020, conforme a CPI constatou que foram inúmeras vezes ofertadas ao governo brasileiro<sup>72</sup>.

A partir das reflexões levantadas por Deisy Ventura sobre a política da morte de Bolsonaro, no enfrentamento à pandemia, pode-se pensar em outros atores que convergiram para esse cenário nefasto. Os políticos, salvo algumas exceções, são avessos aos interesses das classes populares, e deixam o presidente continuar com sua missão *necropolítica*, a exemplo do presidente da Câmara que está sentado em cima de mais de 100 pedidos de impedimento.<sup>73</sup> A mídia, felizmente com poucas exceções, vem cumprindo sua tarefa de criticar e denunciar a política bolsonarista, mas no início do governo “comprou” certas estratégias do governo e lhe deu alta repercussão de sua retórica, sem uma crítica contundente. O mercado, esse ser invisível e poderoso, conserva no poder uma figura como Bolsonaro pois acredita que ele pode fazer as reformas que a iniciativa privada tanto deseja, nesse caso não importa sob que preço se dê essas reformas. Por fim, as instituições democráticas, em especial o STF, que agiu combatendo a máquina de “vetos e normas do presidente”, todavia em nenhum momento impôs ao presidente que tivesse um plano de enfrentamento a Covid-19. Estas instâncias políticas, sociais e econômicas, cada uma à sua maneira, são corresponsáveis pela tragédia sanitária que aconteceu no Brasil com o evento da pandemia.

---

<sup>70</sup> 2 anos de covid: Relembre 30 frases de Bolsonaro sobre pandemia. Poder 360. 2022. <https://www.poder360.com.br/coronavirus/2-anos-de-covid-relembre-30-frases-de-bolsonaro-sobre-pandemia/> Acesso em 25/06/2022.

<sup>71</sup> Brasil registra 351 novas mortes por Covid; total passa de 676 mil. G1. <https://g1.globo.com/saude/coronavirus/noticia/2022/07/20/brasil-registra-351-novas-mortes-por-covid-total-pas-sa-de-676-mil.ghtml> Acesso em 25/06/2022.

<sup>72</sup> E-mails mostram que Pfizer tentou vender vacinas ao Brasil por 6 meses. Correio Braziliense. 2021. <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2021/06/4931817-e-mails-mostram-que-pfizer-tentou-vender-vacinas-ao-brasil-por-6-meses.html> Acesso em 25/06/2022.

<sup>73</sup> Os pedidos de impeachment de Bolsonaro. Apublica.org. 2022. <https://apublica.org/impeachment-bolsonaro/quantos-pedidos-de-impeachment-os-ultimos-presidentes-receberam/> Acesso em 31/07/2022.



### CAPÍTULO III

#### 3. Milão não para! Uberlândia também não!

Há uma diferença fundamental entre Milão e Uberlândia ao lidar com o vírus, o prefeito da cidade italiana fez campanha para o comércio não fechar, um mês depois pediu desculpas, pelas mais de 5 mil mortes<sup>74</sup> e o comércio lá fechou, todavia aqui em Uberlândia, o prefeito em coletiva à imprensa em maio de 2020 avisava que: “se for necessário, eu fecho tudo de novo”. Vale ressaltar que nunca houve na cidade isolamento total, logo não poderia se repetir o que não existiu, portanto, a retórica do prefeito era falar que fechou, ou fecharia, contudo isso ficou apenas no discurso e o comércio em nenhum momento foi restrito totalmente. Essa tática parece ter sido eficiente tanto que o prefeito foi reeleito em 2020 com grande vantagem,<sup>75</sup> isso seria contraditória caso não fosse a propaganda eficiente do prefeito, pois muitos prefeitos não conseguiram se reeleger naquele ano devido a gestão no enfrentamento da pandemia.<sup>76</sup>

Para enfrentar a pandemia, o prefeito Odelmo Leão instituiu em Uberlândia a partir do Decreto nº 18.523 de 27 de fevereiro de 2020 o Comitê Municipal de Enfrentamento ao Covid-19 e designou seus membros.<sup>77</sup> Compunha o Comitê 17 pessoas, sob a coordenação do médico Gladstone Rodrigues da Cunha Filho, que era também o Secretário Municipal de Saúde. Ao analisar os nomes dos membros do Comitê de enfrentamento ao Covid-19 percebe-se que dos 17 integrantes, apenas 7 eram médicos, estes apresentavam formações diversas, tais como cirurgia geral, pediatria, cardiologia, urologia, ortopedia, endocrinologia e nenhum infectologista ou virologista.

---

<sup>74</sup> Prefeito de Milão se arrepende por campanha contra isolamento. G1. 2020. <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2020/03/27/na-italia-prefeito-se-arrepende-de-ter-dito-milao-nao-para.ghtml> Acesso em 31/07/2022.

<sup>75</sup>Odelmo Leão, do PP, é reeleito prefeito de Uberlândia. G1. 2020. <https://g1.globo.com/mg/triangulo-mineiro/noticia/2020/11/15/odelmo-leao-do-pp-e-eleito-prefeito-de-uberlandia.ghtml> Acesso em 31/07/2022.

<sup>76</sup> Sandes-Freitas, Vítor Eduardo Veras de et al. Combate à pandemia de covid-19 e sucesso eleitoral nas capitais brasileiras em 2020. Revista Brasileira de Ciência Política [online]. Outubro, 2021, n. 36. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0103-3352.2021.36.246974>>. ISSN 2178-4884. <https://doi.org/10.1590/0103-3352.2021.36.246974> [Acesso 31 julho 2022].

<sup>77</sup> Decretos e documentos - Núcleo Estratégico do Comitê Municipal de Enfrentamento ao COVID-19. Site Oficial da Prefeitura Municipal de Uberlândia. 2022. <https://www.uberlandia.mg.gov.br/prefeitura/secretarias/saude/coronavirus/decretos-e-documentos/> Acesso em 25/06/2022.

Em 20 de março de 2020, o prefeito de Uberlândia decreta situação de emergência no município para enfrentamento a Covid-19,<sup>78</sup> onde no Art. 3º ficava suspenso, pelo período de trinta dias, a contar do dia 22 de março de 2020, o atendimento presencial ao público em estabelecimentos comerciais em funcionamento no Município de Uberlândia. O § 1º determinava que os estabelecimentos comerciais deveriam manter fechados os acessos do público ao seu interior, enquanto o § 2º dispunha que esse disposto não se aplicava às atividades internas dos estabelecimentos comerciais, bem como à realização de transações comerciais por meio de aplicativos, internet, telefone ou outros instrumentos similares e os serviços de entrega de mercadorias.

Figura 15 - Fechamento parcial do comércio de Uberlândia



Fonte: Coronavírus: Prefeitura determina fechamento de parte do comércio em Uberlândia. G1. 2020. <https://g1.globo.com/mg/triangulo-mineiro/noticia/2020/03/20/coronavirus-prefeitura-determina-fechamento-de-parte-do-comercio-em-uberlandia.ghtml>. Acesso em 30/06/2022

Segundo as exigências, os estabelecimentos comerciais deveriam manter fechados o acesso ao público, com exceção de farmácias, supermercados, lojas de conveniência, panificadoras, postos de combustíveis, distribuidoras de gás, entre outros locais de serviços essenciais. No entanto, teriam que reforçar a higienização. No caso de restaurantes e lanchonetes, a determinação é que funcionassem até 22h com as atividades restritas à alimentação, suspendendo o entretenimento. As mesas nesses locais também deveriam respeitar a distância mínima de 1,5 metro e o atendimento limitado a 50% da capacidade. Também ficou suspenso o funcionamento de bares, casas noturnas e locais destinados à realização de festas sociais, eventos e recepções.<sup>79</sup>

<sup>78</sup> Decreto nº 18.553, de 20 de março de 2020.

<sup>79</sup> Coronavírus: Prefeitura determina fechamento de parte do comércio em Uberlândia. G1. 2020. <https://g1.globo.com/mg/triangulo-mineiro/noticia/2020/03/20/coronavirus-prefeitura-determina-fechamento-de-parte-do-comercio-em-uberlandia.ghtml>. Acesso em 30/06/2022

No dia 27 de março foram registradas manifestações pela abertura do comércio em Uberlândia,<sup>80</sup> os manifestantes se concentraram no Complexo do Parque do Sabiá e seguiram pela Avenida Anselmo Alves dos Santos, passando pelo Centro Administrativo, até a Avenida Rondon Pacheco. Em entrevista ao MG1,<sup>81</sup> no mesmo dia, o prefeito Odelmo Leão afirmou que a reabertura do comércio na cidade deveria ser avaliada no começo de abril. O prefeito também defendeu uso de hidroxicloroquina para pacientes em tratamento da Covid e criticou “os que atacam” o presidente Bolsonaro por defender a abertura do comércio. De acordo com o boletim epidemiológico<sup>82</sup> divulgado pela Prefeitura em 27 de março de 2020, o município tinha 973 casos suspeitos e 8 confirmados. Três óbitos estavam em investigação.

Em 13 de abril de 2020 declarava-se no município de Uberlândia estado de calamidade pública em razão dos impactos da pandemia com efeitos até 31 de dezembro de 2020. Os meses de abril e maio foram marcados pela flexibilização das medidas restritivas e pela permissão para reabertura de uma algumas atividades, nesse sentido, em 15 de abril o Comitê deliberou por liberar o funcionamento de salões e barbearias, imobiliárias dentre outras,<sup>83</sup> ainda em abril acrescentava outras atividades econômicas ao rol de permissão<sup>84</sup> e encerrava o mês alterando a classificação da atividade econômica de shopping centers e congêneres com o intuito de liberar seu funcionamento<sup>85</sup>, em maio liberava clubes e centros de formação de condutores.<sup>86</sup> Enquanto o prefeito se preocupou em atender as reivindicações dos comerciantes, o vírus aproveitou a oportunidade para se espalhar pela cidade, conforme é possível verificar no gráfico abaixo, em pouco menos de 3 meses ele obrigou o prefeito recuar e voltar com as restrições.

---

<sup>80</sup> Manifestantes vão às ruas no Triângulo e Alto Paranaíba pedir reabertura do comércio fechado por causa da Covid-19. G1. 2020.

<https://g1.globo.com/mg/triangulo-mineiro/noticia/2020/03/27/manifestantes-vao-as-ruas-no-triangulo-e-alto-paranaiba-pedir-reabertura-do-comercio-fechado-por-cao-da-covid-19.ghtml> Acesso em 30/06/2022

<sup>81</sup> Prefeito de Uberlândia fala sobre medidas tomadas contra o coronavírus. MGTV 1º edição Uberlândia. 2020. - <https://globoplay.globo.com/v/8433602/?s=0s> Acesso em 30/06/2022

<sup>82</sup><https://www.uberlandia.mg.gov.br/prefeitura/secretarias/saude/coronavirus/boletim-municipal-informe-epidemiologico/> Acesso em 30/06/2022

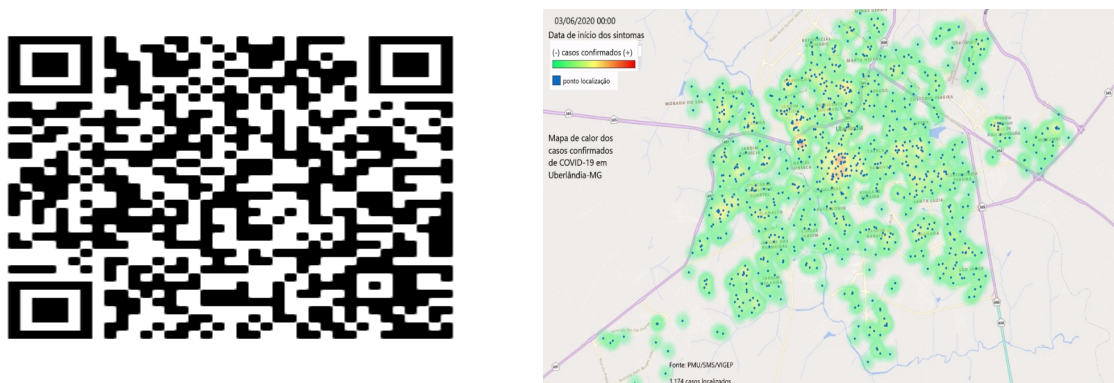
<sup>83</sup> Deliberação do Comitê COVID-19 – 15 de abril de 2020. Acesso em 30/06/2022

<sup>84</sup> Deliberação nº 001, do Núcleo Estratégico do Comitê Municipal de Enfrentamento ao Covid-19. Acesso em 30/06/2022

<sup>85</sup> Deliberação nº 002, do Núcleo Estratégico do Comitê Municipal de Enfrentamento ao Covid-19. Acesso em 30/06/2022

<sup>86</sup> Deliberação nº 006, do Núcleo Estratégico do Comitê Municipal de Enfrentamento ao Covid-19. Acesso em 30/06/2022

Figura 16- Evolução geográfica do Coronavírus em Uberlândia desde o início da pandemia até junho de 2020



Fonte: Evolução da pandemia em Uberlândia até junho de 2020 (vídeo) - Núcleo Estratégico do Comitê Municipal de Enfrentamento ao COVID-19. Site Oficial da Prefeitura Municipal de Uberlândia. 2022. <http://docs.uberlandia.mg.gov.br/wp-content/uploads/2020/06/Video-Expans%C3%A3o-COVID.mp4> Acesso em 30/06/2022.

Sexta-feira, 19 de junho de 2020, Uberlândia registrava 4.748 casos de Covid-19 confirmados e 75 óbitos em decorrência do vírus. Houve 245 confirmações da doença nas últimas 24h na cidade.<sup>87</sup> Pela deliberação número 10<sup>88</sup> do comitê, a partir de segunda-feira permaneciam abertos, sem restrição, apenas serviços considerados essenciais. Alguns serviços específicos foram liberados para funcionamento apenas de segunda a sexta-feira das 10h às 18h. Os demais não poderiam abrir para atendimento ao público, salvo os casos de entrega a domicílio e *drive thru*, que continuavam autorizados.

O Comitê de Enfrentamento a Covid-19 em Uberlândia em julho de 2020<sup>89</sup> flexibilizava novamente as medidas restritivas: no dia 08/07/2020 foram realizadas manifestações de comerciantes pedindo a reabertura do comércio.<sup>90</sup> No mês de agosto, devido a uma liminar do TJMG, o município foi obrigado a seguir as determinações do Minas Consciente.<sup>91</sup> Após recurso ao STF, o ministro Alexandre de Moraes cassou a liminar e, em

<sup>87</sup>Boletim Municipal – Informe Epidemiológico - Site Oficial da Prefeitura Municipal de Uberlândia. 2022. <https://www.uberlandia.mg.gov.br/prefeitura/secretarias/saude/coronavirus/boletim-municipal-informe-epidemiologico/> Acesso em 30/06/2022.

<sup>88</sup> Deliberação nº 010, de 19 de junho de 2020, do núcleo estratégico do Comitê Municipal de Enfrentamento ao Covid-19. Acesso em 30/06/2022.

<sup>89</sup> Deliberação nº 014, de 17 de julho de 2020, do núcleo estratégico do Comitê Municipal de Enfrentamento ao Covid-19. Acesso em 30/06/2022

<sup>90</sup><https://g1.globo.com/mg/triangulo-mineiro/noticia/2020/07/08/empresarios-pedem-reabertura-de-estabelecimentos-comerciais-durante-manifestacao-em-uberlandia.ghtml>. Acesso em 30/06/2022

<sup>91</sup> O Governo de Minas criou o programa Minas Consciente para que as prefeituras possam avaliar condições e permitir – ou não – a retomada das atividades da economia em meio à pandemia do novo coronavírus. A proposta sugere a reabertura gradual de comércio, serviços e outros setores. O plano agrega dados econômicos e de saúde pública que resultam em orientação para que as prefeituras possam tomar a decisão “responsável, segura e consciente”, diz a proposta. As atividades econômicas são divididas em quatro “ondas” (verde – serviços essenciais; branca – baixo risco; amarela – médio risco; vermelha – alto risco).

07 de outubro o município saiu do Programa Minas Consciente e criou o Plano Municipal de Enfrentamento à Covid-19,<sup>92</sup> que estabelecia as fases para classificação da pandemia e das medidas a serem tomadas em cada fase, que se dividiam em três, sendo: I - Fase Rígida (cor vermelha), II - Fase Intermediária (cor amarela) e III - Fase Flexível (cor verde), nestas classificações era permitido o funcionamento das atividades relacionadas com ou sem restrições de dias e horários e seguindo os protocolos de biossegurança. Na ocasião de implementação do Plano a cidade foi classificada na Fase Intermediária,<sup>93</sup> onde permaneceu até 20 de fevereiro de 2021, quando muda a classificação para Fase Rígida,<sup>94</sup> devido ao agravamento da pandemia. Em 23 de fevereiro de 2021 determinava-se o toque de recolher entre 20h e 5h e a Lei Seca (proibindo consumo de bebidas alcoólicas em qualquer dia e lugar por tempo indeterminado) como medidas para conter o colapso do sistema de saúde no município,<sup>95</sup> que registrou 65.049 casos desde o início da pandemia e teve 954 mortes. Nas últimas 24 horas, haviam sido registrados 19 óbitos. A cidade contava com 642 internados em hospitais, sendo 405 em enfermarias e outros 237 em unidades de terapia intensiva (UTI). A rede municipal de saúde estava com 98% de ocupação. O município também decidiu criar hospital de campanha para atender à demanda de pacientes. Na contramão de todos os indícios, a Câmara de Dirigentes Lojistas (CDL) de Uberlândia lançava uma campanha para reabertura do comércio.<sup>96</sup> Os comerciantes que aderiram ao movimento, receberam gratuitamente uma faixa da campanha (“Reabrir Já”), já afixada na fachada do estabelecimento.

---

<sup>92</sup>Deliberação nº 20, de 07 de outubro de 2020, do núcleo estratégico do Comitê Municipal de Enfrentamento ao Covid-19. Acesso em 30/06/2022.

<sup>93</sup> Informativo nº 008/2020. Acesso em 30/06/2022.

<sup>94</sup> Informativo nº 09/2021. acesso em 30/06/2022.

<sup>95</sup>COVID-19: Uberlândia determina toque de recolher e lei seca. Estado de Minas. 2021. [https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2021/02/22/interna\\_gerais.1239868/covid-19-uberlandia-determina-toque-de-recolher-e-lei-seca.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2021/02/22/interna_gerais.1239868/covid-19-uberlandia-determina-toque-de-recolher-e-lei-seca.shtml) Acesso em 30/06/2022.

<sup>96</sup>CDL Uberlândia lança campanha reabrir já! em socorro aos empresários. Revista Cult Net. 2021. <https://revistacultnet.com.br/2021/03/30/cdl-uberlandia-lanca-campanha-reabrir-ja-em-socorro-aos-empresarios/> Acesso em 30/06/2022.

Figura 17 - Campanha da CDL de Uberlândia #ReabrirJá



Fonte: CDL lança manifesto #REABRIRJÁ. Site CDL Uberlândia. 2021. <https://cdludi.org.br/cdl-lanca-manifesto-reabrirja/> Acesso em 10/07/2022.

Em 24 de abril de 2021 a cidade retornava à classificação a Fase Intermediária, quando se estabeleceu novas alterações na abertura escalonada dentro do Plano Municipal de Funcionamento das Atividades Econômicas. Contudo, o 'toque de recolher' continuou mantido entre as 20h e 5h. Nesse cenário, o deputado estadual Bruno Engler (PRTB) acionou a justiça alegando que o “toque de recolher” era inconstitucional, pois restringe a liberdade individual de ir e vir.<sup>97</sup> Para a juíza que analisou o pedido, não restavam dúvidas de que as medidas adotadas pelo prefeito municipal de Uberlândia, consistentes em restringir a circulação de pessoas e veículos nas vias públicas entre as 20h às 5h, além de não encontrar abrigo na Lei Federal nº 13.979/2020 [de enfrentamento à pandemia] , era “manifestamente inconstitucional, por ferir direitos individuais garantidos constitucionalmente, os quais somente podiam ser restringidos durante o 'Estado de Sítio', que deveria ser decretado pelo Presidente da República, após autorização do Congresso Nacional”.

Somente em 20 de maio de 2021, a Prefeitura de Uberlândia obteve junto ao Tribunal de Justiça de Minas Gerais o direito de retomar a aplicação do “toque de recolher” na cidade, como parte das medidas de biossegurança para combate da disseminação do Covid-19. Nesse sentido, retornavam as restrições em Uberlândia de circulação de pessoas, diariamente, das 23h às 5h da manhã, conforme as deliberações vigentes. Ao decidir pela suspensão das

<sup>97</sup>Justiça suspende 'toque de recolher' em Uberlândia; medida só passa a valer após Prefeitura ser notificada oficialmente. G1. 2021. <https://g1.globo.com/mg/triangulo-mineiro/noticia/2021/04/26/justica-suspende-toque-de-recolher-em-uberlandia-a-medida-so-passa-a-valer-apos-prefeitura-ser-notificada-oficialmente.ghtml> Acesso em 30/06/2022.



liminares, o desembargador Corrêa Júnior destacou que o toque de recolher “se amolda ao figurino constitucional vigente e privilegia a prevenção geral do contágio, à luz da ciência”. E ainda observou que “não há a demonstração do risco aos munícipes de Uberlândia, ante a ausência de qualquer ato concreto que esteja a impossibilitá-los do livre trânsito no período diurno, bem assim no período noturno, caso demonstrada a necessidade da medida”.<sup>98</sup>

O “toque de recolher” durou até 19 de agosto de 2021,<sup>99</sup> quando se anunciava a abertura gradual do comércio ainda em Fase Intermediária. A mudança para Fase Flexível<sup>100</sup> ocorreu em 16 de outubro de 2021. A Deliberação nº03, de 10 de março de 2022,<sup>101</sup> retirava todas as restrições às atividades econômicas naquela ocasião. Pela primeira vez no mês de março, nenhum novo óbito por Covid-19 foi confirmado em nenhum boletim epidemiológico diário publicado pela Prefeitura de Uberlândia. Ainda no informativo da quinta-feira dia 10 de março, também constava o registro de 173 testes positivos para a doença. A ocupação de leitos de Unidade de Terapia Intensiva (UTI) destinados à doença na rede municipal de Saúde caía de 13% para 12%. Ao todo, 53 pacientes estavam internados com a enfermidade, incluindo pessoas internadas em hospitais públicos e privados.<sup>102</sup>

Um das ferramentas para controle da pandemia foi a verificação do índice de isolamento social. No município de Uberlândia, esse índice médio foi no período referido no gráfico, 12% menor que a média estadual. Enquanto Uberlândia registrou média de 39% , o estado de Minas Gerais apresentou média de 51%. O Sistema de Monitoramento Inteligente (SIMI-UDI) foi viabilizado por meio de acordo com as operadoras de telefonia Vivo, Claro, Oi e TIM para que a Prefeitura pudesse consultar informações agregadas sobre deslocamento na cidade. As informações eram aglutinadas e anonimizadas, sem desrespeitar a privacidade de cada usuário. Os dados de georreferenciamento serviam para aprimorar as medidas de isolamento social no enfrentamento ao coronavírus. Podemos verificar no gráfico que antes da pandemia a taxa de isolamento era de 31% (26/02/20 a 15/03/20), durante a vigência do

---

<sup>98</sup> Prefeitura reverte decisões liminares e retoma toque de recolher em Uberlândia. Site Oficial da Prefeitura Municipal de Uberlândia. 2021. <https://www.uberlandia.mg.gov.br/2021/05/20/prefeitura-reverte-decisoes-liminares-e-retoma-aplicacao-do-toque-de-recolher-em-uberlandia/> Acesso em 30/06/2022

<sup>99</sup> Covid-19: Uberlândia suspende 'toque de recolher' e amplia horários do comércio; cidade fica em fase intermediária até o fim de agosto. G1. 2021.

<https://g1.globo.com/mg/triangulo-mineiro/noticia/2021/08/19/covid-19-uberlandia-suspende-toque-de-recolher-e-amplia-horarios-do-comercio-cidade-fica-fase-intermediaria-ate-o-fim-de-agosto.ghtml> Acesso em 30/06/2022

<sup>100</sup> Informativo Nº 45/2021 Acesso em 30/06/2022.

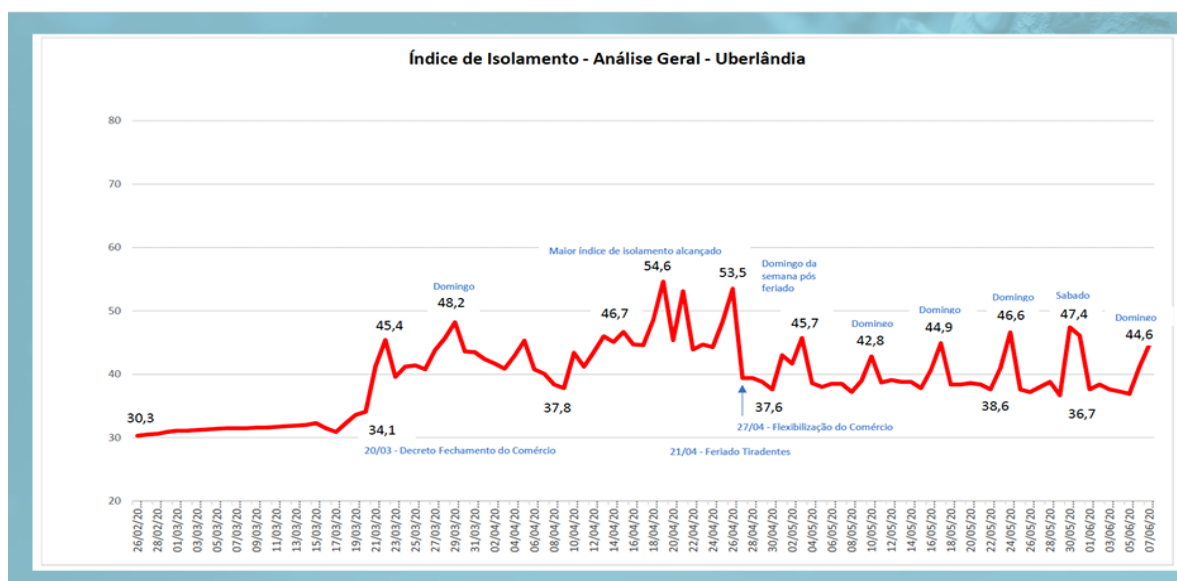
<sup>101</sup> Deliberação nº03, de 10 de março de 2022 Acesso em 30/06/2022.

<sup>102</sup> Covid-19: veja boletim da Prefeitura de Uberlândia de 10/03/2022; cidade não registra mortes pela 1ª vez no mês. G1. 2022. <https://g1.globo.com/mg/triangulo-mineiro/noticia/2022/03/10/covid-19-veja-boletim-da-prefeitura-de-uberlandia-a-de-10032022-cidade-nao-registra-mortes-pela-1a-vez-no-mes.ghtml> Acesso em 30/06/2022.

decreto de isolamento o índice apresentou média de 44,1% (21/03/20 a 27/03/20), com pico de isolamento de 54,6% em 19 de abril, feriado prolongado de Tiradentes. Após a abertura escalonada do comércio, o índice voltou a cair e teve média de 39,6% no período entre 28 de abril a 7 de junho, com pico de isolamento de 47,4% em 30 de maio.

### 3.1. Uberlândia está à frente de 22 capitais brasileiras em mortes por Covid-19

Figura 18- Índice de isolamento social em Uberlândia

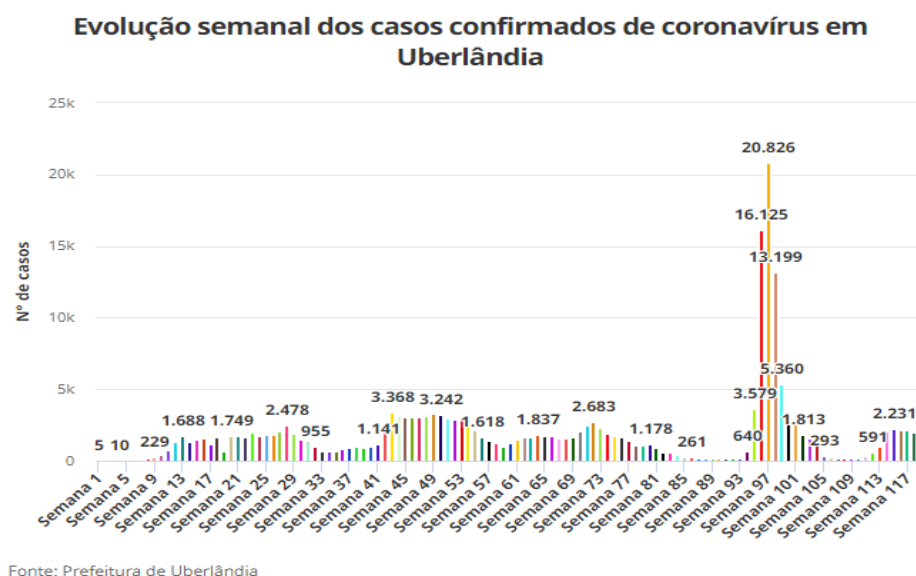


Fonte: Balanço semanal Covid-19: Uberlândia volta a registrar 10 mortes em 1 semana e aumento na ocupação de leitos. G1. 2022. <https://g1.globo.com/mg/triangulo-mineiro/noticia/2022/06/24/balanco-semanal-uberlandia-volta-a-registrar-10-mortes-pela-covid-19-em-1-semana-e-aumento-na-ocupacao-de-leitos.ghtml> Acesso em 30/06/2022.

Na primeira divulgação do boletim, feita em 21 de março de 2020, o município de Uberlândia contava com três casos confirmados de Covid-19. A cidade chegou a ter 7 semanas seguidas com mais de mil novas notificações e duas semanas seguidas com mais de 2 mil registros. Em 2021, a cidade chegou a registrar 14 semanas seguidas com mais de 2 mil novos casos da doença, sendo que oito vezes consecutivas foram contabilizados mais de 3 mil infectados. Em 2022, na 118ª semana de divulgação dos boletins (entre 18 e 24 de junho), foram 1.993 novos casos da doença confirmados. O resultado representa 121 casos a menos do que no período anterior e queda pela 3ª semana seguida. O gráfico abaixo mostra a

quantidade de casos confirmados em períodos de 7 dias, na tabela, o número de notificações não é somado, sendo mostrado apenas os dados referentes a cada semana.<sup>103</sup>

Figura 19 - Evolução semanal dos casos confirmados de coronavírus em Uberlândia



Fonte: Balanço semanal Covid-19: Uberlândia volta a registrar 10 mortes em 1 semana e aumento na ocupação de leitos. G1. 2022. <https://g1.globo.com/mg/triangulo-mineiro/noticia/2022/06/24/balanco-semanal-uberlandia-volta-a-registrar-10-mortes-pela-covid-19-em-1-semana-e-aumento-na-ocupacao-de-leitos.ghtml> Acesso em 30/06/2022.

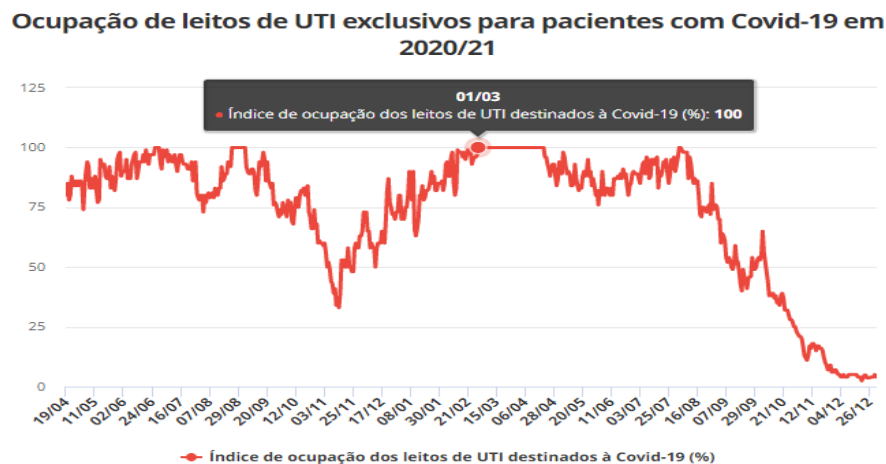
Durante a pandemia, a cidade de Uberlândia registrou quatro períodos, sem interrupção, de ocupação total das UTIs:<sup>104</sup>

- entre 26 e 29 de junho de 2020;
- entre 23 de agosto e 3 de setembro de 2020;
- entre 1º de março e 20 de abril de 2021;
- entre 2 e 3 de agosto de 2021.

<sup>103</sup> Balanço semanal Covid-19: Uberlândia volta a registrar 10 mortes em 1 semana e aumento na ocupação de leitos. G1. 2022. <https://g1.globo.com/mg/triangulo-mineiro/noticia/2022/06/24/balanco-semanal-uberlandia-volta-a-registrar-10-mortes-pela-covid-19-em-1-semana-e-aumento-na-ocupacao-de-leitos.ghtml> Acesso em 30/06/2022.

<sup>104</sup> Balanço semanal Covid-19: Uberlândia volta a registrar 10 mortes em 1 semana e aumento na ocupação de leitos. G1. 2022. <https://g1.globo.com/mg/triangulo-mineiro/noticia/2022/06/24/balanco-semanal-uberlandia-volta-a-registrar-10-mortes-pela-covid-19-em-1-semana-e-aumento-na-ocupacao-de-leitos.ghtml> Acesso em 30/06/2022.

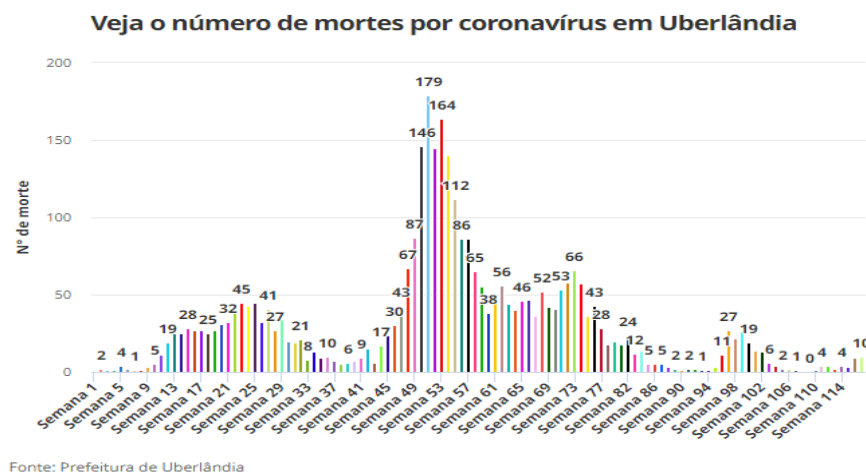
Figura 20 - Taxa de ocupação de leitos de UTI exclusivos para pacientes com Covid-19 2020/21



Fonte: Balanço semanal Covid-19: Uberlândia volta a registrar 10 mortes em 1 semana e aumento na ocupação de leitos. G1. 2022. <https://g1.globo.com/mg/triangulo-mineiro/noticia/2022/06/24/balanco-semanal-uberlandia-volta-a-registrar-10-mortes-pela-covid-19-em-1-semana-e-aumento-na-ocupacao-de-leitos.ghtml> Acesso em 30/06/2022.

A primeira morte causada pela Covid-19 foi confirmada pela Prefeitura de Uberlândia em 2 de abril de 2020. Entre as semanas 50 e 55, o município teve mais de 100 vítimas semanalmente.<sup>105</sup>

Figura 21 - Número semanal de mortes por coronavírus em Uberlândia



Fonte: Balanço semanal Covid-19: Uberlândia volta a registrar 10 mortes em 1 semana e aumento na ocupação de leitos. G1. 2022. <https://g1.globo.com/mg/triangulo-mineiro/noticia/2022/06/24/balanco-semanal-uberlandia-volta-a-registrar-10-mortes-pela-covid-19-em-1-semana-e-aumento-na-ocupacao-de-leitos.ghtml> Acesso em 30/06/2022.

<sup>105</sup> Balanço semanal Covid-19: Uberlândia volta a registrar 10 mortes em 1 semana e aumento na ocupação de leitos. G1. 2022. <https://g1.globo.com/mg/triangulo-mineiro/noticia/2022/06/24/balanco-semanal-uberlandia-volta-a-registrar-10-mortes-pela-covid-19-em-1-semana-e-aumento-na-ocupacao-de-leitos.ghtml> Acesso em 30/06/2022

Ainda de acordo com os boletins, em relação ao perfil das mortes pela Covid-19 em Uberlândia, o maior número de registro de mortes estava na faixa etária de idosos de 70 a 79 anos, com 804 mortes. Com o registro de quatro mortes na semana 118, o município chegou a 3.385 óbitos. No total, 1.424 mulheres morreram devido ao coronavírus, enquanto 1.961 homens perderam a vida.<sup>106</sup>

Figura 22- Perfil das mortes por Covid-19 em Uberlândia

#### Perfil das mortes por Covid-19 em Uberlândia

Idade	Masculino	Feminino	Total
Menos de 30 anos	23	19	42
30 a 49 anos	323	186	509
50 a 59 anos	344	214	558
60 a 69 anos	407	317	724
70 a 79 anos	468	336	804
80 anos ou mais	396	352	748
<b>Total</b>	<b>1.961</b>	<b>1.424</b>	<b>3.385</b>

Fonte: Prefeitura de Uberlândia

Fonte: Balanço semanal Covid-19: Uberlândia volta a registrar 10 mortes em 1 semana e aumento na ocupação de leitos. G1. 2022. <https://g1.globo.com/mg/triangulo-mineiro/noticia/2022/06/24/balanco-semanal-uberlandia-volta-a-registrar-10-mortes-pela-covid-19-em-1-semana-e-aumento-na-ocupacao-de-leitos.ghtml> Acesso em 30/06/2022.

De acordo com uma pesquisa divulgada pelo Instituto Veritá, durante a pandemia de Covid-19, Uberlândia contabilizou 481 mortes a cada 100 mil habitantes (até março de 2022). O índice é maior que 22 capitais brasileiras, ficando atrás apenas de Goiânia (484), Campo Grande (490), Porto Velho (498), Rio de Janeiro (541) e Cuiabá (597). Ainda segundo o estudo, o município de Uberlândia é o 15º no índice de letalidade entre as cidades com mais de 600 mil habitantes (exceto capitais) no país. Em Uberlândia 1,68% das pessoas infectadas pelo vírus evoluíram para óbito.<sup>107</sup>

<sup>106</sup> Balanço semanal Covid-19: Uberlândia volta a registrar 10 mortes em 1 semana e aumento na ocupação de leitos. G1. 2022. <https://g1.globo.com/mg/triangulo-mineiro/noticia/2022/06/24/balanco-semanal-uberlandia-volta-a-registrar-10-mortes-pela-covid-19-em-1-semana-e-aumento-na-ocupacao-de-leitos.ghtml> Acesso em 30/06/2022.

<sup>107</sup> Uberlândia tem mais mortes por covid-19 a cada 100 mil habitantes do que 22 capitais brasileiras. Diário de Uberlândia. 2022. <https://diariodeuberlandia.com.br/noticia/30932/uberlandia-tem-mais-mortes-por-covid-a-cada-100-mil-habitantes-do-que-22-capitais-brasileiras> Acesso em 30/06/2022.

Enquanto isso, o município de Araraquara, no interior de São Paulo, tinha a menor taxa de mortalidade por Covid-19 do estado, e uma das menores taxas de letalidade do Brasil. De acordo com levantamento da Fundação Seade, do governo do Estado de São Paulo, a cidade de Araraquara teve até junho (2020) 810 casos confirmados e apenas 10 mortes, resultando em uma taxa de letalidade de 1,2%, a mais baixa entre municípios com mais de 500 casos confirmados.<sup>108</sup>

Oito iniciativas foram fundamentais para o sucesso da cidade no combate à doença:

1. Expansão do horário de atendimento das redes básicas regionais, como uma medida para não sobrecarregar a rede de urgência e emergência.
2. Criação de um serviço de telemedicina, em que as pessoas eram atendidas por um número 0800, impedindo que qualquer sintoma levasse as pessoas para rede hospitalar municipal e sobrecarregasse o sistema.
3. Criação de “equipes de bloqueio”, em que, ao identificar um paciente diagnosticado, uma equipe ia a campo para criar um ambiente de isolamento daquele paciente e pessoas que estiveram em contato.
4. Criação de centro de referência de Coronavírus, a partir da transformação de uma das UPAs da cidade, com equipes especializadas para que as pessoas com sintomas de Covid-19 se dirigissem para lá.
5. Parceria com a Faculdade de Farmácia da Unesp, laboratório referência para o estado todo, passando a fazer exames em todos os sintomáticos. Essa agilidade e tempo foram fundamentais para lidar com uma doença como a Covid-19.
6. Criação de inquéritos epidemiológicos em que era feito o mapeamento por onde a doença passou pela cidade, com testes em pessoas de grupo de riscos por comorbidades, bairros carentes e profissionais mais expostos à contaminação.
7. Construção de um Hospital de Campanha com 51 leitos (30 leitos de enfermaria e 21 leitos de UTI) em apenas 5 semanas.
8. Criação de um comitê de solidariedade para ampliar programas de segurança alimentar, fortalecendo um ambiente de solidariedade na cidade.

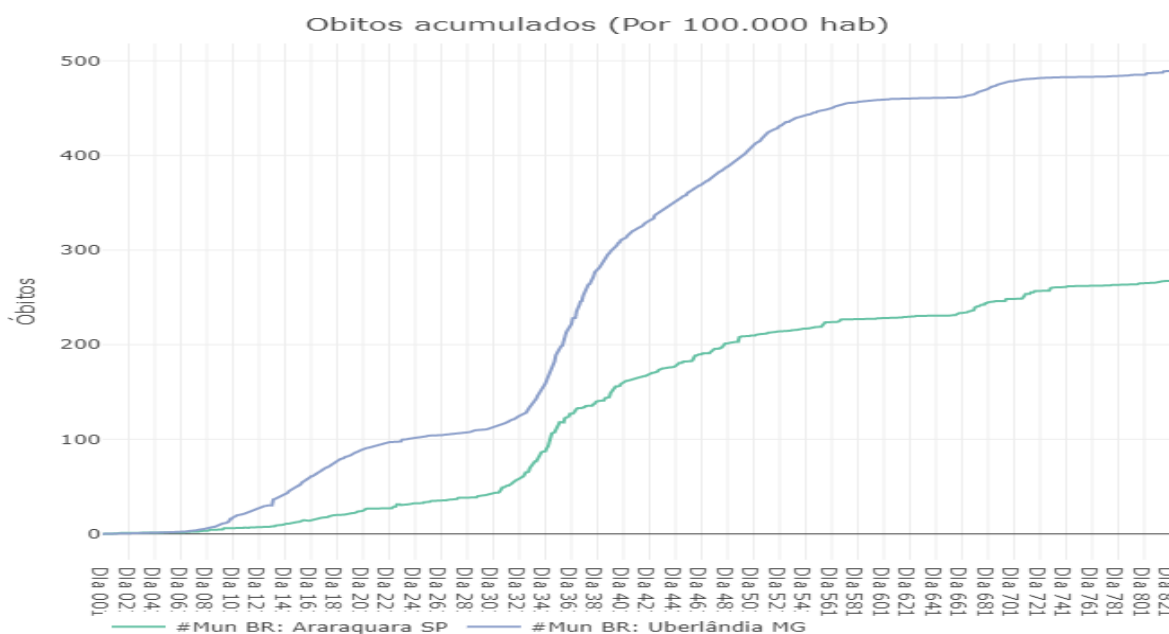
Para ilustrar o resultado de cada política de enfrentamento à Covid-19 a figura abaixo mostra o gráfico com mortes por 100 mil habitantes comparando as duas cidades, Araraquara em São Paulo (cor verde) e Uberlândia em Minas Gerais (cor azul). Segundo dados

---

<sup>108</sup> Oito medidas que tornaram Araraquara exemplo de combate à Covid-19 no Brasil. Site Oficial do Governo de São Paulo - (SEADE). 2020. <https://www.seade.gov.br/oito-medidas-que-tornaram-araraquara-exemplo-de-combate-a-covid-19-no-brasil/> Acesso em 30/06/2022.

consolidados pelo G1<sup>109</sup> em 27/07/2022,<sup>110</sup> Araraquara ao longo da pandemia contabilizou 640 mortes, isso significa uma letalidade de 1,08%, haja vista que foram registradas 266,07 mortes a cada 100 mil habitantes, o município ocupa a posição 154 entre as cidades mais afetadas. Já Uberlândia contabilizou 3.426 óbitos, gerando uma mortalidade de 484,86 a cada 100 mil habitantes e uma letalidade de 1,55%. O município ocupa a posição 20 entre as cidades mais afetadas pela Covid-19 no Brasil.

Figura 23- Óbitos acumulados (por 100 mil hab.): Araraquara-SP x Uberlândia-MG



Após oito meses, no dia 2 de março de 2021, o prefeito admitiu que o sistema de saúde de Uberlândia havia se exaurido. Com 100% dos leitos de UTI ocupados, 184 pacientes esperavam vagas abrirem e outros já tinham sido transferidos para cidades próximas. A rede de saúde de Uberlândia havia colapsado. Em 4 de março, o presidente Jair Bolsonaro pisou em solo uberlandense com sorriso de orelha a orelha, visível porque não usava máscara. Odelmo Leão, seu “velho amigo de Parlamento”, como Bolsonaro o definiu, o recebeu de braços abertos e N95 no rosto. “Quem fala em tratamento precoce passou a ser criminoso no Brasil”, discursou o presidente a algumas dezenas de apoiadores sem máscara que se amontoavam para vê-lo de perto. “O médico, ele é ensinado, é direito dele, não tendo o medicamento para aquela doença, ele busca a alternativa”, prosseguiu Bolsonaro.

Na cidade, aconteceu o oposto do que descreveu o presidente. O Ministério Público Federal conseguiu na Justiça que o médico que não receitasse o “tratamento precoce” fosse denunciado por pacientes e ficasse sujeito à multa de 10 mil reais. Não há, até o momento, registro de punições judiciais.

Em setembro de 2020, depois de atingir pela primeira vez cem dias seguidos com registros de óbitos, Odelmo Leão conseguiu no Supremo Tribunal Federal reabrir bares e restaurantes. Em outubro, o prefeito anunciou a saída da cidade do Minas Consciente, plano de contingência do governo estadual de Romeu Zema (Novo) para enfrentar a pandemia. Quinze dias depois, Uberlândia registrava o recorde de 140 dias consecutivos de óbitos.

Com o esgotamento do sistema de saúde da cidade, em fevereiro, Odelmo Leão baixou medidas para tentar conter o avanço da doença. Proibiu a venda de bebidas alcoólicas das 18h às 5h, fechou shoppings, bares, restaurantes e clubes sociais aos finais de semana – mas os manteve em funcionamento de segunda a sexta. Após quinze dias, simulando ser um dirigente mais enérgico fechou o comércio. Numa entrevista para detalhar as medidas, exclamou mais de uma vez: “Lockdown não!”

“O prefeito está perdido”, resumiu o médico Alair Benedito, professor aposentado da Universidade Federal de Uberlândia. “Não toma as medidas adequadas, porque sofre muita pressão da iniciativa privada e, como recebeu financiamento eleitoral do empresariado local, mantém seus compromissos políticos com esses grupos e as medidas de distanciamento social foram negadas.”<sup>112</sup>

---

<sup>112</sup> Idem.



### 3.2. Ritos e práticas fúnebres na cidade “modelo” de Uberlândia diante da Covid-19

As políticas do poder executivo de Uberlândia, marcadas pela instabilidade, falta de planejamento em prol da vida e saúde de sua população, a exemplo do que realizou a Prefeitura de Araraquara (SP), e pela aliança com o setor da elite empresarial não trouxe somente o agravamento do número de mortes, mas também modificações e insegurança quanto à continuidade de práticas tradicionais dos rituais fúnebres. Se a gestão de Odelmo Leão não privilegiou o cuidado com os cidadãos, não podemos dizer o mesmo sobre líderes religiosos, sejam dirigentes de templos, igrejas ou terreiros em relação aos seus adeptos e fiéis.

Sabe-se que grandes eventos traumáticos como guerras e pandemias interrompem a normalidade das sociedades e quebram rituais previamente estabelecidos por cada grupo social. Para efeito de análise neste capítulo nos interessam especificamente os ritos e as práticas fúnebres diante da pandemia de Covid-19. Segundo Segalen, em “Ritos e rituais contemporâneos”, de 2002,

o rito ou ritual é um conjunto de atos formalizados, expressivos, portadores de uma dimensão simbólica. O rito é caracterizado por uma configuração espaço-temporal específica, pelo recurso a uma série de objetos, por sistemas de linguagens e comportamentos específicos e por signos emblemáticos cujo sentido codificado constitui um dos bens comuns do grupo.<sup>113</sup>

Os rituais constituem construções coletivas importantes para os grupos sociais, tendo em vista que estes são carregados de símbolos e sentidos que marcam a vida em sociedade e seus processos enquanto grupo que compartilha dos mesmos signos, diante da morte e seus ritos e práticas fúnebres dos enlutados. Segundo Hertz, a morte não coincide com a destruição de uma vida individual, a morte é um evento social e o não cumprimento das prescrições de cada cultura pode ocasionar situações não desejadas e prejudiciais ao equilíbrio do grupo. Segundo Hertz,

O ritual de morte oferece uma pausa, um tempo de acomodação em face de uma mudança dramática, tanto para a sociedade quanto para o indivíduo. A morte física não é necessariamente um evento capaz de convencer o grupo da morte de uma pessoa. Imagens do falecido e suas conexões com a sociedade podem ser tão intensas a ponto de não se esvanecerem logo. Elas ainda persistem por um período de tempo. O conhecimento e a tomada de consciência, no cotidiano, ocorrem lentamente. A etapa intermediária, na

---

<sup>113</sup> SEGALLEN, Martine. Ritos e rituais contemporâneos. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002, p. 31.

qual se desenrolam as cerimônias relativas à morte, proporciona uma oportunidade de reajuste social.<sup>114</sup>

Pode-se perceber que no Ocidente tem ocorrido muitas mudanças no que diz respeito aos mortos e nas práticas fúnebres, essas transformações são atribuídas ao processo de secularização, ou seja, há uma crescente separação entre as esferas da vida social, além da predominância dos saberes científicos. Nesse sentido, podemos citar como principal referência aos rituais sobre a morte no Ocidente o historiador francês Philippe Ariès.<sup>115</sup> No intuito de obter uma compreensão histórica das transformações ocorridas desde a Alta Idade Média até a modernidade, Ariès empreendeu extensa investigação sobre tais alterações nas atitudes coletivas perante a morte.

A “morte domada”, na Alta Idade Média, era ritualizada, comunitária e enfrentada com dignidade e resignação. Os ritos eram aceitos e cumpridos, sem caráter dramático ou gestos de emoção considerados excessivos. A familiaridade com o falecimento espelhava a aceitação da ordem da natureza, na qual o homem estava inserido.

A segunda modalidade de morte – a “morte de si” – surge por volta dos séculos XI-XII e se estende até o século XIV, é marcada pelo reconhecimento da finitude da própria existência. Para Ariès, nesse período foram lançadas as bases do que viria a ser a civilização moderna: o sentimento mais pessoal e mais interiorizado da morte, da própria morte, traduzindo o apego às coisas da vida. As origens do individualismo estariam aí situadas, quando os homens passam a conviver com o pensamento na morte.

A partir do século XIX e até o século XX, a morte do outro se torna dramática e insuportável. Inicia-se então um processo de afastamento social da morte. Na segunda metade do século XX, surgem novas formas de relação com a morte. Para este autor, ela é oculta e vergonhosa. Esta modalidade de morte foi designada por este historiador como modelo de “morte moderna”, em oposição aos tipos anteriores, denominados, em conjunto, como modelo de “morte tradicional”.

A abordagem histórica de Ariès é fundada na concepção de uma degradação progressiva da relação com a morte, estabelecida pelos indivíduos e pelas sociedades. Sua visão é particularmente crítica quanto ao período moderno, que afastou o morrer do cotidiano, transformando este processo em tabu e privando o homem de sua própria morte.

---

<sup>114</sup> HERTZ, Robert. *Death and the right hand*, Londres, Routledge, [1907] 2008.

<sup>115</sup> ARIÈS, Philippe. *O homem diante da morte*, Rio de Janeiro, Francisco Alves. 2003; *História da morte no Ocidente*, Rio de Janeiro, Ediouro, 1981.

Indo além, teria ocorrido uma crescente desritualização, com a secularização da cultura ocidental.

Por seu turno, Norbert Elias<sup>116</sup> considera a visão do historiador francês excessivamente romântica, no que se refere à morte nas sociedades tradicionais. Para Elias, Ariès teria encarado com desconfiança o presente inglório – no sentido da perda da reverência – em “nome de um passado melhor”. Segundo Elias, entre os séculos XVIII e XX houve uma transformação do comportamento social referente à morte. Nesse período, ocorreu uma série de mudanças sociais, alterando atitudes, práticas e sentimentos, que acarretaram um processo de internalização e o consequente aumento do autocontrole. Na sociedade tradicional, a morte era vivenciada de modo mais familiar e onipresente, menos oculta, o que não significava que se tratasse de uma experiência tranquila, pois os sentimentos religiosos de culpa e medo do castigo eram frequentes.

Segundo Walter,<sup>117</sup> os religiosos declaram que os “funerais são para os vivos” e que “o propósito de um funeral é auxiliar o processo de luto”. No entanto, quando se indaga às pessoas por que vão a determinado enterro, elas respondem que “é para prestar minha última homenagem”. Elas referem duas razões: pelo bem do falecido ou para apoiar algum familiar. Contudo, quando parentes próximos são questionados sobre sua participação em rituais fúnebres, afirmam que se trata de cumprir um dever. Nesse sentido, a dimensão coletiva (familiar, social, religiosa) é crucial para a produção de significados para vida e morte.

Na modernidade, as práticas referentes à morte e ao morrer devem ser ocultadas, afastadas da visão dos vivos e devidamente controladas. A expressão de emoções associadas à perda deve atender às exigências da ordem pública e privada. Segundo Bauman,<sup>118</sup> o fim da vida causa horror, que é “exorcizado pela sua onipresença, tornado ausente pelo excesso de visibilidade, tornado ínfimo por ser ubíquo, silenciado pelo barulho ensurdecedor”. Com o processo de rotinização da morte, o processo do morrer se torna banalizado.

Segundo Menezes,<sup>119</sup> as novas tecnologias de comunicação, especialmente a Internet, propiciam acessos rápidos e diferenciados à difusão de imagens e outros conteúdos. Desta forma, o processo de crescente visibilidade da morte, surgido em oposição ao seu ocultamento, pode ser interpretado como um meio de elaboração coletiva, já que, na contemporaneidade, a transcendência religiosa deixou de ser uma noção central.

---

<sup>116</sup> ELIAS, Norbert. *A solidão dos moribundos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2001.

<sup>117</sup> WALTER, Tony. *The revival of death*, Londres, Routledge, 1997, p. 156.

<sup>118</sup> BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998, p. 199.

<sup>119</sup> MENEZES, R. A., & GOMES, E. de C. (2012). “Seu funeral, sua escolha”: rituais fúnebres na contemporaneidade. *Revista De Antropologia*, 54(1). <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2011.38585>.

A pandemia de Covid-19 maximizou a visibilidade da morte a partir da mídia e das formas digitais de comunicação, as imagens que circulavam sobre o morrer pandêmico estavam acessíveis a todos na grande rede de internet. As restrições impostas a fim de evitar a disseminação da doença entravam em conflito com os ritos e práticas fúnebres vigentes. Numa reportagem do jornal Diário do Nordeste<sup>120</sup> de abril de 2021, evidencia-se a adaptação em que esses rituais sofreram durante a Covid-19, selecionamos três exemplos que mostram como a Igreja Católica, a Assembleia de Deus e o Candomblé se moldaram ao momento de restrições aos seus ritos fúnebres.

Para os católicos, a morte é apenas uma passagem para a vida eterna, para a plenitude. O ritual fúnebre é denominado de exéquias, uma celebração onde se realiza a última encomendação e despedida. É a chamada missa de corpo presente. No contexto atual da pandemia, esses rituais foram adaptados para evitar qualquer tipo de contágio. A Igreja tem acolhido em suas paróquias e comunidades os nomes dos falecidos, via chat, mensagem pelo WhatsApp, telefonemas de suas famílias, e colocados nas intenções das celebrações da Santa Missa. Outra realidade é aumento no atendimento pessoal e solidário às famílias enlutadas, sobretudo diante da rapidez da morte, a não possibilidade de despedida e a pressa com o sepultamento.

Para a Assembleia de Deus, a morte é vista como uma passagem para a eternidade, com Deus ou sem Deus. Essa escolha é feita em vida, pela ‘porta’ que se chama Cristo. O ritual fúnebre consiste em uma celebração, geralmente na Igreja, com louvores e orações pela família do falecido. Esses louvores estão previstos no hinário oficial da igreja: Harpa Cristã. Em função das restrições da pandemia, vem sendo realizada apenas a visita de uma pessoa da Igreja ao lar da família, a fim de trazer uma palavra de consolação. Recomenda-se que, não sendo possível se fazer presente, os amigos, parentes e irmãos na fé tragam uma palavra de conforto, façam uma oração, comuniquem os sentimentos por meio das mídias, e procurem ajudar até financeiramente.

No Candomblé, a morte representa o fim do corpo físico e o início da vida espiritual em um novo plano. Assim, o espírito não morre. Com um ritual fúnebre próprio, os praticantes realizam no Ilê (casa) Axé (espaço sagrado) o desligamento simbólico do corpo físico e a conscientização do espírito de que ele não pertence mais ao mundo carnal. Esse ritual segue uma cronologia desde o falecimento até o enterro do corpo, seguido por

---

<sup>120</sup> Como são os rituais fúnebres das religiões em tempos de Covid-19. Diário do Nordeste. 2021. <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/verso/como-sao-os-rituais-funebres-das-religioes-em-tempos-de-covid-19-1.3071034>

cerimônias de um mês, três meses e um ano. Desde o momento em que é velado, até o percurso ao cemitério e o sepultamento, acontecem algumas entonações litúrgicas da religião. Esses cânticos reforçam para o espírito que a missão dele na terra terminou. Por ocasião da pandemia, o ritual é feito sem a presença do corpo.

Os velórios durante a pandemia sofreram restrições no que diz respeito a quantidade de pessoas e no tempo da cerimônia e lugar, recomendava-se que somente entes queridos participassem, com duração de no máximo uma hora, em alguns casos não havia velório, o corpo ia direto para o cemitério e sepultado em seguida, o caixão não poderia ser aberto e deveria ser velado, quando isso era possível, em lugares abertos, respeitando o distanciamento social.<sup>121</sup> Nesse cenário, a internet surgiu também como uma ferramenta para vivenciar, mesmo que à distância esse momento de luto e despedida. Os velórios virtuais tinham um duplo objetivo, primeiro evitar a contaminação de familiares e amigos e, em segundo, possibilitar que estes participassem da despedida daquele ente querido.

Em Uberlândia, podemos verificar algumas medidas nesse sentido em março de 2020, em consideração às recomendações das autoridades de Saúde, o Serviço de Verificação de Óbito Municipal (SVO) e o Instituto Médico Legal (IML) emitiram uma nota que regulamentava os procedimentos a serem adotados pelas unidades de saúde (público e privada), bem como pelas agências funerárias durante a pandemia.<sup>122</sup> Segundo o documento a medida tinha aplicação imediata e deveriam permanecer até que fosse restaurada a normalidade e encerramento da pandemia e epidemia do novo Coronavírus - COVID-19.<sup>123</sup>

O referido documento dispõe sobre a regulamentação, procedimentos e fluxos a serem seguidos pelas unidades de saúde, público e privada, bem como pelas agências funerárias do Município de Uberlândia, em relação aos óbitos, devendo sempre serem observadas as normas de vigilância sanitárias aplicáveis ao caso:

- 1) Fica suspensa a realização de necropsias. Ressalvados os casos de morte violenta ou com suspeita de violência, em que permanece na competência do IML a realizar.
- 2) As declarações de óbito deverão ser emitidas pelos próprios serviços de saúde, público ou privado, que constatarem ou receberem o paciente em óbito, independentemente do tempo em que o paciente permaneceu no local.

---

<sup>121</sup> Velório: Veja o que mudou com a pandemia da COVID-19. Falicitaseguros.com. 2020. <https://facilitaseguros.com.br/blog/velorio-pandemia-covid-19/> Acesso em 25/06/2022.

<sup>122</sup> Os cemitérios públicos de Uberlândia, São Pedro, Bom Pastor e Parque dos Buritis, são administrados pela Prefeitura de Uberlândia, que também realiza a fiscalização das funerárias. Cemitérios municipais: São Pedro; Campo do Bom Pastor; Cemitério e Crematório Parque dos Buritis. Funerárias: Funerária Olavo Chaves; Funerária Ângelo Cunha; Funerária Paz Universal.

<sup>123</sup> Prefeitura Municipal de Uberlândia. Comitê Municipal de Enfrentamento ao Covid-19. Designa seus membros. Decreto nº 18.523 de 27 de fevereiro de 2020. Uberlândia, 2020.

3) A declaração de óbito, no caso domiciliar, sem assistência médica, por causas naturais, inclusive com suspeita de COVID-19, deverá ser emitida pela Unidade de Atendimento Integrado - UAI mais próxima, ou, em se tratando de serviço privado, pelo médico responsável pelo estabelecimento, devendo ser observadas as seguintes situações e desde que não se consiga obter por meio de análise de prontuário médico a causa básica da morte:

- a) óbito sem assistência médica;
- b) necropsia não realizada;
- c) causa indeterminada.

4) Os velórios, conforme orientações já repassadas às agências funerárias, seguiram, e não somente, as seguintes orientações:

- a) devem ser restritos a duração máxima de 1 (uma) hora;
- b) as salas de velório devem ser exclusivas;
- c) não deve se permitir a reunião de mais de 10 (dez) pessoas em um mesmo momento.
- d) deve ser orientada a distância mínima de 1 (um) metro entre as pessoas, com a devida higienização com os produtos de prevenção já divulgados.
- e) tanto a cremação quanto o sepultamento estão recomendados, porém, em caso de falecimento por suspeita do COVID-19 a urna deve ser obrigatoriamente lacrada.

5) As unidades de saúde, públicas e privadas, e as agências funerária deverão ter um local isolado e devidamente equipado com as medidas sanitárias de prevenção, para acomodação temporária até a liberação para o funeral.<sup>124</sup>

Ao menos, ao que parece pela documentação, tudo que se relacionava aos rituais fúnebres, teve a ciência como fundamento. Funerárias, cemitérios e os profissionais que neles trabalham foram mais previdentes que o corpo administrativo do poder executivo da cidade.

---

<sup>124</sup> Idem.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho foi desenvolvido no contexto da Pandemia de Covid-19 abordando seu enfrentamento pelas autoridades e pela sociedade, da qual sou parte integrante e não estou imune às tensões e pressões que afligiram a todos e todas nesse momento dramático. Vale ressaltar que nesse trabalho adotamos a perspectiva de uma história no Tempo Presente e, portanto, falamos de eventos em que estamos inseridos.

As fontes utilizadas foram todas digitais, desde os textos, artigos, vídeos, notícias disponíveis na internet e até os vídeos, que aqui criamos um QR Code para que o leitor possa visualizar as referências seu aparelho celular. O tempo em que experienciamos é tecnológico e repleto de recursos, que cabe a nós enquanto historiadores fazer uso, seja para divulgar nossas pesquisas, seja para utilizá-las como fonte para nossos trabalhos, segundo a perspectiva da história digital.

O objeto que nos impulsionou a desenvolver esta pesquisa surgiu a partir do grupo de estudos *História e Representações da Morte e do Morrer*, sob a coordenação da professora Mara Regina do Nascimento, do INHIS/UFU, do qual participei desde março de 2020, mesmo mês em que a OMS declarou o coronavírus uma pandemia global. As leituras sobre a morte durante uma pandemia tiveram um significado e sentido terrivelmente estranho, e em algum momento tivemos que parar com os encontros do grupo, pois um sentimento profundo de tristeza e medo tomava conta de nossos corações. Ao definir o tema monográfico precisei dar continuidade às leituras e as fiz à medida que era tolerável.

Ao começar escrever, uma das primeiras dificuldades foi certamente lidar com a *infodemia*, ou seja, há em nosso tempo um tsunami de informações, de notícias e de fake news, e cabe a nós separar o joio do trigo. Isto vale inclusive para escolher as fontes de um trabalho que se sustenta numa perspectiva da história digital. Contudo talvez o maior desafio seja manter-se com saúde mental nesses tempos de pandemônio, pandemia e infodemia.

O trabalho desenvolvido em três partes e ou capítulos buscou trazer os fatos e suas relações a partir de diversas fontes digitais, compreendemos que nenhuma pesquisa pode dar conta da realidade, todavia acreditamos que a história do presente contribui para estabelecer uma trama com mais elementos e que pode, dessa forma, servir para outras pesquisas.

As pandemias são eventos traumáticos tanto quanto guerras e geram uma série de transtornos políticos, sociais, econômicos e culturais nas sociedades. Há relatos de pandemias

em todas as temporalidades históricas, Antiguidade, Idade Média, Moderna e Contemporânea, todavia a última grande pandemia já tinha um século e o mundo do século XXI não tinha tempo para uma onda mundial afetando profundamente a saúde da população, haja vista sua dinâmica de globalização e neoliberalismo que imperam no contexto atual.

A pandemia de Covid-19 se impôs ao mundo em pouco tempo, se espalhou pelo planeta num curto espaço de tempo e devastou a “normalidade” da vida em sociedade, expôs as desigualdades sociais como nunca se tinha visto, evidenciou o abismo entre países ricos e pobres, onde os primeiros compraram insumos e equiparam seus hospitais, quando surgiu a vacina compraram muito mais doses que a população precisava, enquanto outros países não conseguiam comprar nem para os grupos prioritários.

O isolamento social e as medidas preventivas desafiaram as bases de uma sociedade que correu contra o tempo para trabalhar, estudar, se divertir e que demorou a perceber quem estava no controle, o vírus devastou cidades por todo o mundo, aqueles que negligenciaram sua mortalidade pagaram um alto preço humano. Nesse sentido, a forma como as autoridades enfrentaram a doença foi determinante para salvar vidas.

No Brasil o vírus encontrou terreno fértil para se propagar graças ao governo Bolsonaro que tomou todas as medidas necessárias para a propagação do mesmo, seja pelo não fechamento de aeroportos e portos, como tantos outros países fizeram, seja negando a gravidade da doença, seja defendendo remédios sem comprovação científica, seja atacando a ciência e os cientistas, ou a imprensa, ou os governadores e prefeitos que tomaram medidas a fim de conter a disseminação da pandemia. Bolsonaro empreendeu no Brasil uma política da morte através de normas, vetos, falas e medicamentos que resultou na perda de quase 700 mil vidas.

Uberlândia, em Minas Gerais, seguiu o mesmo modelo nacional, onde o prefeito Odélmo Leão, aliado e amigo de Bolsonaro, deixou a cidade na 20ª posição em mortes por Covid-19 no país, quase 3.500 pessoas perderam a vida pela doença no município. O prefeito sempre alegou estar fazendo tudo que era possível, todavia sempre que aumentava o número de casos e mortes, restringia as atividades econômicas, logo em seguida havia manifestações dos comerciantes e o prefeito cedia e flexionando as medidas, vale ressaltar que o prefeito teve o apoio dos comerciantes em sua eleição. O mais impressionante é a propaganda que o prefeito conseguiu empreender em seu favor no enfrentamento da Covid-19, levando a sociedade uberlandense a acreditar que ele fez uma boa gestão, prova disso foi sua reeleição com quase 70% dos votos.



Por fim, as pandemias apesar de resultados devastadores em todos os aspectos da vida humana podem também gerar novas resiliências e despertar a humanidade para outras questões que naquela “normalidade” pré-pandemia eram inconcebíveis. *A bailarina da morte* deixou as bases do que viria a ser futuramente o Instituto Butantã, àquela época a gripe Espanhola expôs a necessidade de um órgão nacional de saúde, nosso atual Ministério da Saúde, e deixou evidente a urgência de um sistema público de saúde, que viemos a conquistar somente na Carta de 1988.

A pandemia de Covid-19 talvez possa estabelecer novos marcos, seja a valorização da ciência, dos cientistas e do SUS, que foram todos tão atacados em nossos dias e sem os quais estaríamos em um cenário muito pior, de distopia sem precedentes na história, pela ação de governos autoritários e suas necropolíticas, atreladas ao neoliberalismo e sua terrível face.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Fontes digitais

EcoDebate.

Brasil de Fato.

BRAZ.

Our World in Data.

Gaúcha ZH.

Folha de São Paulo.

Rede TV T.

BBC NEWS BRASIL.

Jota.Info.

Revista Oeste.

PT.ORG.BR.

Politize.

Genomahcov.Fiocruz.

Uol.

Brasil Escola.

Rede Brasil Atual.

Acontecendo Aqui.

Brasil 247.

Agência Brasil.

Site Oficial do Senado Federal.

CNN Brasil.

Butantan.gov.

Dom Total.

Poder 360. 2022.

Correio Braziliense.

Apublica.org.

Diário do Nordeste.

Falicitaseguros.com.

Site CDL Uberlândia. 2021.

Estado de Minas.

Revista Cult Net. 2021. Disponível em:

Site Oficial da Prefeitura Municipal de Uberlândia.

Diário de Uberlândia.

Site Oficial do Governo de São Paulo - (SEADE).

Big Data - Fiocruz.

G1.

Revista Piauí - Folha de São Paulo.

## Documentos do Poder Executivo Municipal

Serviço de Verificação de Óbitos – Instituto Médico Legal (SVO IML). Prefeitura Municipal de Uberlândia. Comitê Municipal de Enfrentamento ao Covid-19.

Prefeitura Municipal de Uberlândia. Comitê Municipal de Enfrentamento ao Covid-19. Designa seus membros. Decreto nº 18.523 de 27 de fevereiro de 2020. Uberlândia, 2020.

## Bibliografia (livros e artigos)

ALMEIDA, F. C. O Historiador e as Fontes Digitais: uma visão acerca da Internet como fonte primária para Pesquisas Históricas. Revista Aedos, [S. l.], v. 3, n. 8, 2011. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/aedos/article/view/16776>. Acesso em: 2 ago. 2022.

ARAUJO, Valdei; KLEM, Bruna; PEREIRA, Mateus. Do Fake ao Fato: (des)atualizando Bolsonaro. Vitória: Milfontes, 2020.

ARAUJO, Valdei; MARQUES, Mayra; PEREIRA, Mateus. Almanaque da Covid-19: 150 dias para não esquecer ou a história do encontro entre um presidente fake e um vírus real. Vitória: Milfontes, 2020.

ARIÈS, Philippe 1981 O homem diante da morte, Rio de Janeiro, Francisco Alves. 2003 História da morte no Ocidente, Rio de Janeiro, Ediouro.

BAUMAN, Zygmunt 1998 O mal-estar da pós-modernidade, Rio de Janeiro, Jorge Zahar.

CASTRO-SANTOS, Luiz Antonio de Uma história brasileira das doenças. Cadernos de Saúde Pública [online]. 2006, v. 22, n. 6, pp. 1350-1354. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2006000600025>. Acesso em: 2 ago. 2022.

CHAUVEAU, Agnès; TÉTARD, Philippe. Questões para a história do presente. In: CHAUVEAU, Agnès. TÉTARD, Philippe. Questões para a história do presente. Bauru: Edusc, 1999.

ELIAS, Norbert 2001 A solidão dos moribundos, Rio de Janeiro, Jorge Zahar.

FERREIRA, M. de M. Notas iniciais sobre a história do tempo presente e a historiografia no Brasil. Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 10, n. 23, p. 80 - 108, 2018. DOI: 10.5965/2175180310232018080. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180310232018080> . Acesso em: 2 ago. 2022.

GIL, Gilberto. Pela Internet In: Quanta. Warner Music, 1997.

HERTZ, Robert 2008[1907] Death and the right hand, Londres, Routledge.

LUCCHESI, Anita. Histórias no ciberespaço: viagens sem mapas, sem referências e sem parapeiros no território incógnito da web. Cadernos do Tempo Presente, n.6, dez./ 2012.

LUCCHESI, Anita. Por um debate sobre historiografia digital. Boletim Historiar, v.2 n. 02, p. 45-57, mar. /abr. 2014a.

MACHADO, A. C. História digital em tempos de crise: as demandas do tempo imediato e suas implicações no trabalho dos historiadores. Revista Aedos, [S. l.], v. 12, n. 26, p. 69–99, 2020. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/aedos/article/view/104233>. Acesso em: 2 ago. 2022.

MENEZES, R. A., & GOMES, E. de C. (2012). “Seu funeral, sua escolha”: rituais fúnebres na contemporaneidade. *Revista De Antropologia*, 54(1). <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2011.38585>. Acesso em 20/06/2022.

PEREIRA, Mateus; ARAUJO, Valdei. Atualismo 1.0 - Como a ideia de atualização mudou o século XXI. 1. ed. Ouro Preto: SBTHH, 2018.

RIOUX, Jean - Pierre. Pode-se fazer uma história do presente? In: CHAUVEAU, Agnès; Tétart, Philippe (Org). Questões para o presente. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

RODRIGUES, P. E. A teia, a tela e o tempo: internet e história do tempo presente. Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 6, n. 12, p. 131 - 150, 2014. DOI: 10.5965/2175180306122014131. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180306122014131>. Acesso em: 2 ago. 2022.

SCHWARCZ, L. K. M. Starling, Heloísa. A bailarina da morte: a gripe espanhola no Brasil. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. v. 1. 375p.

SEGALIN, Martine. 2002. Ritos e rituais contemporâneos. Rio de Janeiro: Editora FGV. 161 pp.

VENTURA, Deisy, AITH, Fernando, REIS, Rossana et al. “A linha do tempo da estratégia federal de disseminação da Covid-19”. São Paulo: CEPEDISA/USP, 2021.

WALTER, Tony 1997 The revival of death, Londres, Routledge.